Voz de S. Antonio

Revista mensal illustrada

Abençoada por S. S. Leão XIII. Pelo Exc.mo Ordinario e varios Prelados.

AGOSTO DE 1906

6.ª Serie — 12.º Anno

N.º 20

Redacção e administração

BRAGA

UM CONGRESSO

A PAZ é a condicção de toda a prosperidade economica e social. Ora nas relações e commercio entre as diversas classes sociaes se a paz e a harmonia não brotam expontaneamente, tambem não é a força nem o constrangimento que aplanarão as difficuldades. A pacificação social, pois, é um problema cuja solução interessa sobremodo o bem geral de toda a sociedade.

Não faltou quem desdenhosamente affirmasse ser um mytho a questão social. Esqueceram assim numerosas paginas da historia antiga e moderna e perderam de vista a faculdade de certos elementos do problema.

Seja porem como fôr, um observador medianamente attento a tantos factos, que se desenrolam em torno delle, não poderá seriamente dizer que vivemos em uma época de paz octaviana.

Os écos que nos chegam de um e outro extremo do mundo, as resoluções, os attentados e as gréves, são um argumento bem peremptorio, de que a paz e a harmonia nas relações mutuas da sociedade, não existem e que o antagonismo das classes, consequencia das paixões inherentes ao coração humano, impera ainda.

O homem é assim. Supporta difficilmente que seu similhante se lhe avante em superioridade, merito ou felicidade.

A inveja é de todos os tempos; velha como a humanidade, acompanha-a atravez dos seculos.

E' a historia da humanidade inteira, Caim mata Abel porque as offerendas do seu irmão foram acceites de Deus e as suas não.

Jesus é crucificado pelos judeus porque á multidão esfomeada dá pão, aos cegos vista, saude aos enfermos e vida aos mortos. Prega uma moral cuja infinita pureza vai de par com uma ternura infinita. A multidão segue-o e os phariseus despeitados crucificam-no.

A inveja nem sempre visa tão alto; as mais insignificantes vantagens são sufficientes para perturbar o equilibrio.

Aquelles, porem, a quem a paixão da inveja mais persegue, são os ricos, os favorecidos da fortuna. Não é porventura a riqueza o gozo, o prazer, a felicidade? A riqueza é um privilegio e como todo o privilegio não deixa de ter a sua quarta parte de odioso.

Mas não são só as paixões individuaes o unico movel do desequilibrio social. O corpo social enferma em suas condições organalepticas e a justiça muitas das vezes infingida é a causa do mal estar social.

O immortal Pontifice Leão XIII na sua Encyclica *Rerum Novarum* dizia que «*as classes inferiores soffrem de uma miseria immerecida; os trabalhadores são entregues á mercê de senhores deshumanos e á cubiça de uma concupiscencia desordenada. Uma usura devoradora estende por toda a parte as suas garras ávidas; um monopolio exagerado do mercado do trabalho e dos productos impõe um jugo quasi servil á multidão dos proletarios.*»

Ao lado de paixões descomedidas ha logar para o desejo legitimo do progresso material e levantamento moral, aspiração legitima e honravel que alimenta o esfôrço, duplica a energia, eleva o coração e alenta a alma. Este sentimento, porem, nobre e puro em seu principio não é de ordinario

de tempera tão forte que os abusos e as injustiças não o enervem a ponto d'obstar a todos os seus beneficos resultados e não o transformem numa fonte perenne de impaciencias, de cólera e de desesperos.

E neste momento veem os apostolos da guerra das classes encontrar o terreno preparado á sua deleteria propaganda. Que grande repercursão não encontrarão as suas doutrinas nestes corações roidos pela paixão, cegos pela inveja, desalentados por tantas e tão crueis decepções!

A tatica é sempre a mesma: exagerar o mal, inventar outros imaginarios; imputam-se as faltas, os erros não aos individuos que os commetem, mas a toda a sociedade. As lacunas e os males não são imperfeições contingentes e accidentaes nos vicios irremediaveis e inherentes á organisação social. O odio de classe depois de ter começado num sentimentalismo puro, erige-se em systema para bem depressa se transformar em dogma.

*

A solução do problema está na substituição do odio das classes pela sua approximação tanto na ordem moral como economica.

Realisar-se-á esta approximação sob o influxo da religião com o concurso das partes interessadas e com o auxilio do poder. E' o que a Encyclica *Rerum Novarum* estabelece com uma notavel lucidez e uma auctoridade resultante, não sómente do caracter do augusto signatario, mas tambem do verdadeiro valor sientifico da obra em si mesma. A religião possuiu a virtude de penetrar até ao mais intimo das almas, de as tocar, de levar os homens a tornar-se senhores das paixões da inveja, do odio, do orgulho, do egoismo, e a seguir a lei de Deus.

A Igreja, guarda da religião e do dogma, resume no Evangelho um conjuncto de doutrinas proprias para resolver o grande problema social. A sua doutrina é um perfeito codigo de moral tendente a approximar e reconciliar as classes por meio de prescripções formaes de justiça, caridade e fraternidade.

Fieis aos preceitos da moral christã as differentes classes da sociedade não sómente compririam os seus deveres reciprocos, o sufficiente para fundamentar o reino da paz social sobre um base solida, mas ainda entender-se-iam para organizar espontaneamente, de commum acordo, em leal justiça e em verdadeira fraternidade o regime do concurso mutuo e toda a synthese de instituições e obras, que, fundadas sobre a solidariedade e previdencia, são as noções economicas, concorreriam harmonicamente ao melhoramento da sorte dos menos bafejados da fortuna. Assim obter-se-ia na esphera moral pela sujeição das paixões e a redução das queixas, e na ordem economica não pelo anniquilamento dos ricos mas pelo levantamento dos pobres, um verdadeiro resurgimento.

*

Este é o problema e ha quem delle se preocupe? Por certo que em Portugal, devido a circunstancias varias, o movimento tem-se desenvolvido muito lentamente, porem não se póde negar que elle representa já uma fagueira esperança para o futuro.

O recente congresso das aggremiações catholicas disso é uma prova evidente. As theses alli estudadas e discutidas demonstram que o movi-

mento social christão é em Portugal, não uma phantasia de bem intencionados, mas um facto que affecta toda a vida social christã.

A primeira these — *Fins, organisação, e unificação do movimento catholico popular purtuguês* — que o Snr. Julio Monzó num extenso e erudito relatorio estuda, dá logar a uma discussão onde se definem duas correntes destinctas — a centralisação e a descentralisação directiva dos circulos. Discussão cheia de interesse e que nada prejudicou o andamento do congresso, antes trouxe muita luz á questão.

Uma centralisação ou descentralisição são duas formas por igual condemnaveis, devendo-se por conseguinte optar por um meio termo, como adoptou o congresso na segunda conclusão desta these, em que se nomeia uma commissão central com attribuições perfeita e claramente definidas.

Alem desta these discutiram-se ainda — *conveniencia do robustecimento das associações mutualistas já existentes e da creação de bancos populares, montespios e caixas ruraes,* onde o Sr. Dr. Alberto Pinheiro Torres mostrou quanto carinho dedica a estas questões.

Segue-se no uso da palavra o Ex.^{mo} Snr. Conde de Bertiandos estudando a seguinte these: *Meios de desenvolver a instrucção profissional entre artifices e camponezes, incutindo-se-lhes o amor* á sua *profissão e o sentimento ou dignidade de sua profissão social.*

O illustre orador e grande fidalgo analysa em rapido esboço as corporações antigas, pondo-as em parallelo com as que o regime moderno lhes substituiu. Escusado é dizer que o illustre fidalgo foi o enlevo de todo o congresso.

Seguiu-se o Rev. Roberto Maciel, fazendo umas breves considerações sobre *o estudo das condições moraes e materiaes da vida dos camponezes e dos artistas portuguêses e meios de as melhorar.*

O Snr. Dr. Pinto Coelho terminou o Congresso com chave d'oiro apresentando um relatorio claro e simples, mas que nem por isso deixa de ser um trabalho muito conciencioso sobre — *os meios de desenvolver a imprensa catholica popular, afim de subtrair o povo á leitura do mau jornal.*

Assim terminou o 1.° congresso do movimento social christão. E' para desejar que o fim que levou a reunir os congressistas, Deus sabe com que sacrificios, seja omnimodamente attingido.

No entretanto não nos illudamos, nem desanimemos, se não vimos todas as conclusões ahi votadas postas em pratica logo no dia seguinte. Isso seria o ideal, mas o ideal, para mal nosso, exteriorisando-se limita-se, circunscreve-se. Os factos, porem, attestam não obstante todas estas deficiencias que os congressos são datas appreciaveis na historia das obras e dos partidos. São os congressos para essas obras uma affirmação de existencia e de vida.

Secção doutrinal

A IMPRENSA

Numa reunião de Terceiros ha pouco celebrada em Hispanha, todos os assistentes se comprometteram não só a não assignar, mas até a não lêr jornal ou revista antireligiosa, especificando

mesmo os jornaes mais em evidencia no campo anticatholico.

E' sabido que nada causa mais damno no espirito do que o jornal. E' um veneno que sem se perceber se vae dia a dia infiltrando na alma, intoxicando-lhe todos os bons sentimentos, até que por fim lhe causa a ruina e a morte.

Não são tanto para temer os jornaes abertamente anticatholicos, porque d'esses inda por uma especie de pundonor se foge, os peiores, os que mais males causam á vida christan são os de duas côres, os que condimentam o veneno em artigos doirados, algumas vezes até quanto á substancia, para logo destruirem tudo no *suelto*, na anecdota, e até no annuncio.

E infelizmente a maior parte dos jornaes e revistas portuguêsas são d'este numero. Os verdadeiramente catholicos são uma minoria insignificante. E estes, além de poucos, vivem uma vida amargurada, por que não ha quem os coadjuve. Não é raro encontrarmos num compartimento de comboio, muitas pessoas que se dizem catholicas, e que até tratando-se de religião a defendem *pro aris et focis* com o jornal antireligioso na mão, rindo-se á socapa do que tem o mau gosto de comprar o diario genuinamente catholico.

Não é por mal, nem acreditam em nada do que ali vem, dizem elles. Mas não se lembram de que o seu dinheiro vae coadjuvar a empreza, hostil á Igreja e ás crenças que elles mesmos com tanto afinco defendem ?

E' preciso lembrarem-se que o tempo é de combate, e que comprar o mau jornal é coadjuvar o inimigo e diminuir as forças dos que combatem pela boa causa.

Não admittamos pois em nossas casas, nem compremos jornal algum que não seja genuinamente catholico, e procuremos que todas as familias catholicas façam o mesmo.

Porque prosperam os jornaes impios? porque teem o apoio dos amigos e dos inimigos. Bem dizia o divino Salvador «que os filhos das trevas são mais prudentes que os filhos da luz».

Quando é que os *liberaes* coadjuvaram os jornaes catholicos, já não digo assignando-os, mas comprando numeros avulsos? E contudo é rara a familia catholica, que junto com o bom jornal não assigne dois ou tres maus. E a imprensa catholica definha ao passo que a antireligiosa cada vez está mais prospera.

E' preciso despertar do letargo em que até agora temos jazido, e fazermos guerra sem treguas, por todos os meios licitos, á imprensa impia, que nos rouba as nossas crenças.

Ouçamos o que dizia o immortal Pontifice Leão XIII na Encyclica *Etsi Nos* : «Os que aborrecem de morte a Igreja, costumam fazer-lhe guerra com escriptos publicos, persuadidos de que não ha arma mais daninha ; e d'ahi procede essa pestifera alluvião de livros, e essa multidão de periodicos sediciosos, a cujos furiosos assaltos, nem as leis poêm freio, nem limites a vergonha.

«Deve-se pois levantar uma forte muralha que ponha um dique a esta crescente avalancha de males, que cada dia invade mais campo, e o principal para isso é induzir o povo com toda a serenidade e rigor, a que se acautele quanto possivel, usando no que respeita a leituras do mais escrupuloso discernimento...

E' preciso alem d'isso opôr escriptos a escriptos, a fim de que os mesmos meios, que tanto tendem á ruina, se convertam em salvação e beneficio dos povos, e que donde procede o veneno saia tambem o seu antidoto.

Para isso é muito para desejar que ao menos em cada provincia haja alguma maneira de mostrar ao povo, quaes e quão grandes são os deveres de cada christão para com a Igreja, divulgando para este fim, publicações frequentes e sendo possivel diarias...

E' necessario tambem que os escriptores dirijam os seus escriptos a um mesmo alvo, que formem uma ideia clara e definida do que mais convem fazer e o executem, que não descurem nada que seja proveitoso, que tendo sempre gravidade e temperança nas palavras, reprehendam os erros e as faltas, de modo porém que a reprehensão seja delicada e respeitosa com as pessoas, que usem d'um estylo singello e claro de modo que a multidão possa facilmente entende-lo...

«Todas as pessoas que realmente e de coração desejem que as coisas tanto sagradas, como profanas prosperem defendidas pela pena de abalisados escriptores, procurem favorecer com a sua liberalidade

estes fructos das letras e do engenho, contribuindo cada um com tanto mais, quanto maior fôr a sua fortuna, porque sem este auxilio todos os esforços dos escriptores serão vãos, ou não terão mais do que escassos e duvidosos resultados.»

A educação da familia

Se a emigração e a corrupção trazem o enfraquecimento da familia, tirando-lhe a influencia a *depopulação* tende a suffoca-la.

O nosso seculo folgazão, avaro e ocioso teme os encargos e embaraços que traz consigo a familia.

A theoria do filho unico, resultado da prudencia humana, producto parcimonioso de todas as aberrações passadas, prevalece dia a dia.

Só em algumas provincias fieis á fé catholica e aos costumes patriarcaes é que inda se encontram familias numerosas.

Os pobres são os que menos calculam as bocas que teem a alimentar. Os ricos, cuja ociosidade não lhes augmenta o patrimonio, temendo não poder dar a seus filhos uma posição conforme á que elles ocupam, recusam dar-lhes o ser.

Se porem mostram esta pendencia excessiva em sua casa, não temem contudo dar o ser a filhos, que um dia ocuparão talvez as mais infimas posições sociaes, e que talvez desçam na escala do crime até ao ultimo degrau de perversidade. Já não temem que o seu sangue se espalhe nas camadas mais infimas da sociedade, chegando muitas vezes a roubar o sustento aos filhos do lavrador honesto.

O culto do *dinheiro* substituiu o culto do Crucificado neste seculo que se vangloria de não reconhecer nem Deus, nem mestre, e contudo que Deus mais inexoravel que o dinheiro e que mestre mais cruel! Que vergonhas, que torturas, que decepções não impõe o dinheiro aos seus adoradores?! Que são as privações da pobreza comparadas com as que impõe a sêde do dinheiro?! E é esta sêde que torna cada dia mais difficil o matrimonio. Nos nossos tempos o casamento não se celebra já para os conjuges se ajudarem mutuamente a levarem o jugo que o sacramento lhes impõe, e a confortarem-se um ao outro nos momentos de prova; é uma sociedade, que traz consigo capitaes, para sustentar o luxo e todos os caprichos, inda os menos innocentes.

A vida não é uma cadeia de obrigações e deveres que cumpridos com honra e coragem nos guiam a uma vida melhor, é uma festa em que cada um toma a maior e melhor parte que pode: onde se joga tudo por um momento de prazer!

A noção do dever vae-se apagando ao passo que desapparecem as ideias religiosas, que eram o seu maior apoio; não se pensa já nas obrigações, unicamente se olha ao *succés*.

Não desejamos só brilhar, mas todo o nosso intento é eclipsar os outros. Horrorisa-nos o soffrimento, revolta nos a pobreza, e consideramo-la como a peior das calamidades.

D'aqui resulta, que fogem do matrimonio, drincipalmente do matrimonio christão, fonte da familia honrada, multiplicando-se a *theoria do amor livre,* e do *filho unico,* d'uma maneira assustadora.

Quando numa nação que se apelida cathólica, se ousa propôr uma lei como a do divorcio, e se encontram deputados, que a defendem e se nomeia uma commissão para a estudar, não se póde duvidar de que a sociedade está minada até aos alicerces. E não ha mais que um remedio para a salvar: a educação da mulher baseada em moldes novos, completamente diversos dos que hoje se empregam para a educação da jovem moderna.

Que admira que os homens recusem sujeitar-se aos encargos do matrimonio? A mulher como é hoje educada é um objecto de luxo, que pouca s bolsas podem pagar. O homem que tiver uma mediocre fortuna calculará minuciosamente as despezas, que o obrigarão a fazer os gastos caprichosos d'uma mulher que não sabendo, nem querendo trabalhar, estará todo o dia só a pensar no modo como se deve distinguir na sua *toilette* Procurará talvez até reduzir as despezas na intimidade da sua consciencia, mas, não poderá jámais fazer calar dentro em si mesmo o terror, de que a sua fortuna será em breve compromettida, e então ou abandona o matrimonio *pelo amôr livre,* ou no caso de se casar, será completamente *perdido para a familia,* temendo não poder satisfazer os gastos que os filhos naturalmente lhe trarão.

Os paes são homens de negocio, as mães mulheres da sociedade, os filhos não são um fim esperado, uma esperança realisada, mas uma circumstancia, um acidente na vida. Os filhos pela sua parte são filhos porque a natureza assim o proclama, porque de resto a nossa civilisação extraordinariamente refinada dá-lhes uma tão deploravel procucidade, que de todos os lados se ouve dizer com aparencia de verdade: «hoje parece que já não ha filhos.»

— Mas de quem é a culpa?

— Dos paes sem duvida alguma.

Os filhos dos ricos são entregues a creados, os dos pobres abandonados á rua. Vêem e ouvem tudo, e os cochicheos com que muitas vezes se quer dissimular o que se deseja que elles não percebam, não fazem senão aguçar-lhes a curiosidade, vindo a entender o que nem ao menos deviam suspeitar.

Como se diz que já não ha filhos, tambem se ouve a cada passo «*já quasi não ha filhas*». Ouçamos um escriptor moderno: «Em vez da candura (as jovens) tem um modo de pensar muito mysterioso; em logar de sonhos, um senso pratico e uma tal desconfiança no porvir, que nem as mulheres já de idade, retalhadas pelas desillusões, e com a alma marcada com centenares de cicatrizes profundas. Tudo é calculo na joven moderna, e calculo d'uma precisão admiravel. A razão d'este estado da alma encontra-se na propria atmosphera; vivemos numa epoca de deliquescencia em que domina d'um lado pelo dinheiro, e d'outro pela busca desenfreada de novos luxos. A alma das jovens não é mais do que um reflexo do que se passa em volta d'ellas, seguem os impulsos do mundo. O dinheiro! Ellas

comprehendem-no, respeitam-no, adoram no, como nossas leis, nossos costumes e nós mesmos o adoramos. D'aqui o espirito positivo que precede seus actos de prolegomenos mathematicos».

E' facil de comprehender as desordens que se seguem d'este espirito calculado, com que as jovens modernas procedem em tudo. O luxo com todas as suas consequencias, não lhes permitte ter muitos filhos em casa, porque os rendimentos por mais avultados que sejam, não dariam para os conservar no estado em que ellas foram creadas, e por isso recorre se á desmoralisação do mundo, e como consequencia legitima vem a depopulação.

Evitem-se os perigos que apontamos e a familia e a sociedade em breve serão regeneradas.

SANTO PROTECTOR DO MÊS

De ha muito se fazia notar esta lacuna na *Voz de Santo Antonio*. Tendo deixado de publicar-se, por causas particulares, só hoje póde recomeçar-se esta sympathica mas custosa tarefa.

Para não alongar, porém, esta secção os leitores vão lêr juntamente com o resumo da vida do Santo Protector a virtude em que elle mais se distinguiu, propondo se cada um imita-la em cada mês.

S. Luiz, Rei de França e a justiça

S. Luiz viveu em pleno seculo XIII. Seu pai morreu quando elle contava apenas 12 annos e durante a sua menoridade ficou regente do reino de França sua virtuosa mãe D. Branca de Castella. A educação, que durante a sua juventude recebeu, foi esmeradissima. Sua mãe costumava dizer-lhe: «amo te muito meu filho, mas antes quero vêr-te morto, do que réu de um só peccado mortal».

Com esta educação christã, o jovem principe adquiriu uma extraordinaria rectidão no seu modo de obrar. Desta rectidão de caracter nasciam, como que por encanto, todas as virtudes christãs. A sua fé era ardentissima e a sua consciencia muito delicada neste ponto; de tal modo que recusou um dia vêr um milagre eucharistico, dizendo que não precisava de milagres para crêr. Por isso o seu reinado foi o reinado da fé e da justiça. «Todos os seus subditos, diz Geoffroi Beaulieu, nobres e plebeus, tinham-lhe respeito e temor por causa da sua justiça e da sua santidade».

Ora a justiça, como diz Santo Thomaz, consiste em dar a cada um o que lhe é devido. E o leitor, com uma ligeira educação christã, sabe muito bem que esta virtude está preceituada e por isso santificada por Jesus-Christo no Evangelho. A justiça é tudo. O amor, a obediencia, o respeito é um acto de justiça de um filho para com seus pais, porque depois de Deus, a elles só deve a sua existencia e os soffrimentos e cuidados que por sua causa tiveram nos primeiros annos da vida.

Justiça são os cuidados dos pais para com seus filhos, porque estes tem direito á vida e ninguem mais que os pais pode nem deve cuidar d'elles, da sua educação religiosa e moral, etc.

Justiça é a fidelidade de um esposo para com sua esposa e vice-versa, porque cada um d'elles tem direito a essa fidelidade.

E' ainda justiça o respeito dos concidadãos dos visinhos, da sua vida, das suas propriedades, dos seus bens, porque elles tem direito a todas estas coisas e offender um direito é praticar uma injustiça.

Amar, servir, defender e contribuir para o bem da Patria é tambem um acto de justiça; porque a Patria, com as suas leis e com os seus direitos perante as outras nações mantem as vidas e os direitos dos seus filhos e para que ella viva é preciso que todos a sustentem.

Por fim, amar e servir a Deus é a summa justiça, porque Elle é nosso Creador e nosso Redemptor; amar o proximo é um acto de caridade, mas é-o tambem de justiça, porque é nosso dever manter a paz e a ordem, as quais não pódem dar-se sem esse amor.

Eis o que S. Luiz, Rei de França, sempre praticou. Um exemplo:

S. Luiz tinha assignado um tratado com os Sarracenos no qual promettia pagar-lhes duzentas mil libras antes de embarcar.

Depois de terem feito o pagamento alguns dos conselheiros do rei vieram dizer-lhe que os Sarracenos não queriam entregar seu irmão, que estava captivo, emquanto não tivesse o dinheiro em seu poder. Alguns disseram que se não devia pagar nada emquanto o irmão do Rei não estivesse livre. S. Luiz, porém, ordenou que se pagasse tudo immediatamente pois assim o tinha promettido.

Um delles disse lhe que estava pago mas que lhe tinham roubado dez mil libras sem que os sarracenos dessem por isso. O santo de novo ordenou que se pagasse tudo.

Então disseram-lhe que era uma brincadeira e que tudo estava pago. O Santo rei respondeu que uma brincadeira assim era de um pessimo gosto. «E mando, continuou, pela obediencia que me deveis que, se as dez mil libras não estão pagas, as mandeis pagar sem a menor fraude». E não quiz embarcar até se certificar de que tinham sido pagas as duzentas mil libras, apezar dos Sarracenos terem já violado o tratado.

Foi este amor da justiça que fez de S. Luiz um grande homem e um grande rei. Elle tinha esta divisa para si: *o seu ao seu dono* e na administração do seu reino traduzia esta outra maxima: *cada coisa em seu logar*. Esta vida de justiça era um sublime exemplo na epocha de S. Luiz. Como dissemos viveu no seculo XIII, no seculo do feudalismo; ora quem diz feudalismo diz desordem, tyrannia dos senhores para com seus servos, injustiças. No meio deste cahos a justiça de S. Luiz brilhou como uma estrella de primeira grandeza.

Saibamos nós tambem imital-o e pratiquemos sempre a justiça sem a qual não pode haver nem paz nem caridade.

Resoluções das Congregações Romanas

Da Sagrada Congregação dos Ritos

Da absolvição ao tumulo

O R.mo Bispo de Samogicia pediu humildemente á S. Congregação dos Ritos a faculdade de, em seguida ás missas do dia, cantadas ou rezadas, mêsmo que não sejam de *Requiem*, se estender no meio da igreja um panno prêto, pondo junto delle um Crucifixo, para, em seguida o sacerdote, de pluvial prêto, cantar júntamente com outros cantôres o *Libera* com as aspersões e incensações do costume; e isto a fim de excitar a devoção do pôvo pelos defunctos, e segundo um antigo uso da diocese.

A Sagrada Congregação, após um maduro exame, e consultada a Commissão litúrgica, respondeu:

Observe se o Decreto n. 3780 *Romano* de 12 de julho de 1892, *ad VIII;* e no caso de se dizer o Officio de Defunctos, a Absolvição fár-se-á depois dêste e antes da Missa.

17 de Março de 1906.

L. ✠ S.

A. Card. Tripepi, *Pro-Pref.*

† D. Panici, *Arceb. Laod., Secret.*

Commentario

Segundo o Decreto n. 3780, de 1892, *ad VIII*, a Absolvição de Defunctos póde cantar-se todos os dias, «excepto nos de primeira classe, nos quais, nem em particular, se poderá fazer a Absolvição, de tarde, depois de terminadas as Horas canónicas; e se nos dias em que é permittida, se quizer fazer de manhan, *nunca deve ser depois da missa do dia, a não ser com completa independencia da mêsma*»

A Sagrada Congregação tinha por outra occasião declarado que a absolvição ao túmulo não se pode fazer immediatamente depois da missa da festa corrente, mas conforme as Rubricas do Missal e do Ritual Romano tam sómente depois da missa de *Requiem*. (S. C. R. 4 d'agosto de 1708, n. 2186, e 9 de junho de 1853, n. 3014[1])

Nos dias, em que se diz a Missa de *Requiem*, a Absolvição não se faz immediatamente depois do Officio de Defunctos, mas depois da missa, cantada ou resada (S. C. R. 20 d'agosto de 1901, *Vicentina ad II);* mas nos dias em que não se póde celebrar a missa de *Requiem*, a Absolvição deve fazer-se *independentemente da Missa do dia*, como consta dos citados decretos; e, dizendo-se o Officio de Defunctos, deve ser immediatamente depois dêste; em seguida levantado, se fôr possivel, o túmulo, ou apagadas, pelo menos, as velas, póde cantar se a Missa da festa corrente.

(Das *Ephemerides Liturgicæ*).

✳ ✳ Secção historica ✳ ✳

O verdadeiro caracter de S. Francisco d'Assis

Mas, no emtanto, independentemente das intenções de M. Sabatier, as investigações das suas «descobertas» só depois de concluidas poderão ter alguma vantagem para os catholicos.

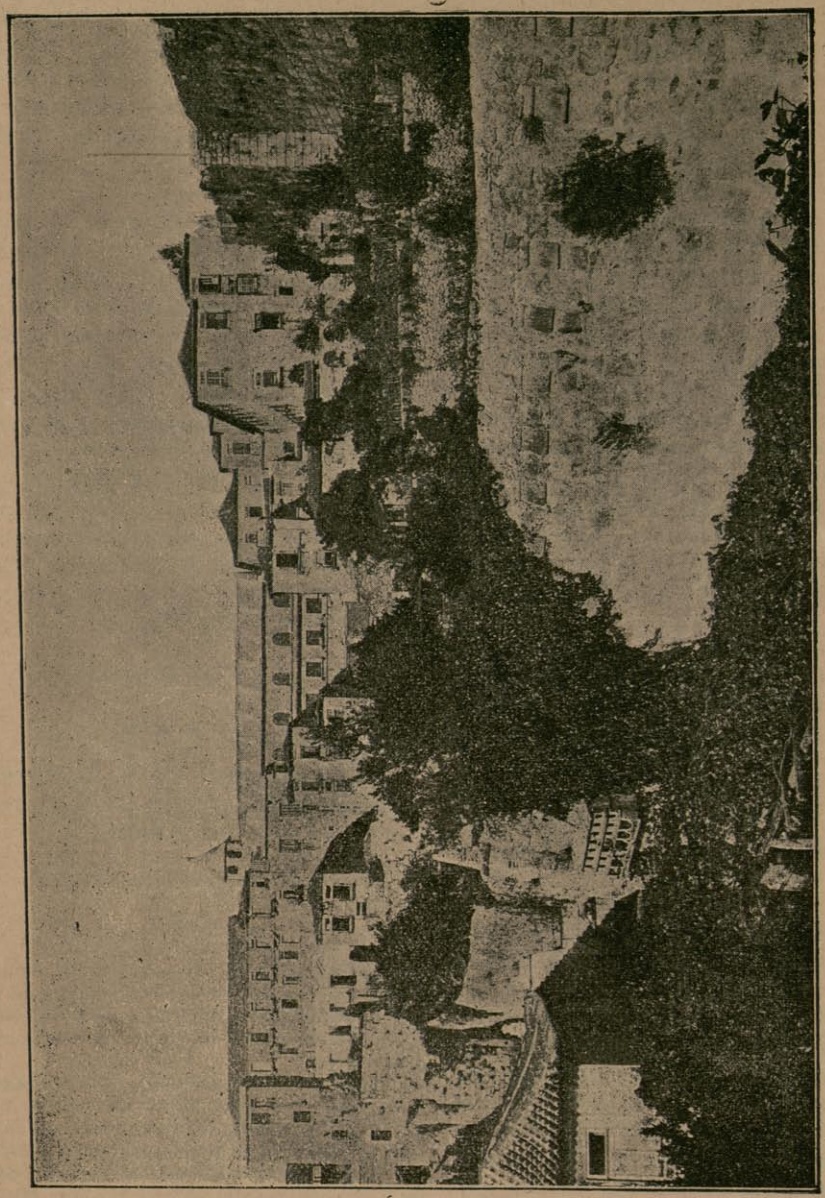
Um ministro Anglicano diz (1) (e fazêmos nosso este dito): «Não podêmos continuar a encolher os hombros, compadecendo-nos dos Catholicos, por serem tão credulos, que accreditem em S. Francisco, quando, á frente dos historiadores Franciscanos, um «critico superior,» um protestante, um novo dos novos nos vem dizer que, em substancia, a historia dos «Stigmas» é verdadeira, e do mesmo modo a da «Indulgencia da Porciuncula».

Sim, os modernos estudos estão provando cada vez mais que a historia de S. Francisco é verdadeira, em todos os seus detalhes essenciaes e caracteristicos. No resto, é ainda muito cêdo para predizer os resultados do actual movimento dos estudos Franciscanos. Ha já feito algum bem, ao menos expondo a uma analyse mais completa aquelle periodo da historia muito mal conhecido até dos mesmos Catholicos, — periodo, diga-se ainda mais, que Matheus Ainold considera o mais interessante na historia do Christianismo depois dos tempos primitivos.

Se, porventura, se fará ou não nova luz para a vida de S. Francisco é uma outra questão. Os criticos não estão de accordo. Father Cutbert (2) entende que os

(1) Dr. Adolerley, appreciação de S. Francisco, já citado.

(2) «Estudos Franciscanos,» no *Tablet*, Loudres, 18 de de janeiro de 1903.



CONVENTO DE SANTA CLARA

documentos ultimamente recuperados, offerecendo-nos um perfil mais definido e nitido da sua physionomia, podem ajudar-nos a reconhecer melhor que homem foi o nosso Santo. «Guiados por estes antigos documentos,» diz, «ficâmos em condicções d'entender mais claramente a significação do seu Evangelho da Pobreza. Nas suas proprias acções e palavras referidas por aquelles que o conheceram temos a interpretação da sua regra, como elle a entendia.

«Por outro lado, Mgr. Foloeí, que representa toda a prespectiva tradicional de S. Francisco e da sua Ordem, diz que embora «se louvem como descobertas algumas insignificancias que pouco ou nada fornecem á evidencia, e que se advoguem o nome *de novos documentos*, mas afinal de contas de authentícidade duvidosa,» já nada falta para descobrir concernente a S. Francisco, que os bollandistas, Chalippe e Papiqui, que escreveram ha mais d'um seculo,

não conhecessem, mais ou menos, tão completamente como nós hoje.

Neste tracto de tempo, em toda uma livraría, d'obras relativas a S. Francisco, que temos accumulado, não se accrescenta à sua vida um só facto, episodio ou dito de novo.

Finalmente, visto como os Catholicos consagram verdadeiro amor a S. Francisco, e por isso estimam saber de S. Francisco tudo quanto é verdade, não devemos depreciar as investigações críticas de maior valor; pelo contrario cumpre-nos explorar todas as fontes com rigorosa exactidão e tranquilidade, deixando de parte ideias preconcebidas, suspeições e receios, dirigindo-nos, e deixando-nos guiar por um objecto unico, — conhecer o genuino S. Francisco.

Mas, depois de tal investigação, como apparecerá S. Francisco? Deixarêmos a um eminente Prelado extranho á familia Franciscana responder a esta interrogação: (1)

«Como apparecerá S. Francisco depois de tantas investigações? Sobre isso nada receêmos. A verdade surgirá. E se S. Francisco ficar diverso do que nós tinhamos em nossas crenças? Nada importa — o authentico S. Francisco virá á luz. E terêmos, talvez, — de desfazermo-nos das narrativas tradiccionaes tão fagueiras para o coração do verdadeiro Christão?

Embora, — descobrir-se-ha o genuino S. Francisco. Mas então a auctoridade da Igreja, o bom nome da religião, o prestigio do Catholicismo — corre tudo o risco de ser injuriado e prejudicado? Oh! calai-vos, homens de pouca fé! Com que fundamento suspeitais, que uma indagação da verdade possa prejudicar o prestigio do Christianismo — religião da verdade, tanto no dogma como na moral? Olhai para Roma. Leão XIII abriu ao mundo, de par em par, a inapreciavel collecção de documentos, pelos seus illustres predecessores, com raro discernimento colligidos, e arrecadados nos archivos particulares do Vaticano. Os sabios e eruditos — allemães, francezes, russos, inglezes, — atheus, protestantes, judeus, anti-clericaes e anti-papistas de profissão, todos se deram pressa para se aproveitarem do privilegio que lhes foi concedido. Que prejuizo trouxe á Igreja, ou ás suas instituições, ou áquellas coisas que fazem o objecto da sua solicitude e dos seus cuidados, a publicação d'aquelles documentos?

A verdade em tudo é benefica, e é preciso que a verdade historica se mostre tambem benefica para com S. Francisco.»

Depois, S. Francisco nada tem a temer da mais escrupulosa investigação. Quando se encerrarem as escavações, que actualmente se estão fazendo nas cidades soterradas da litteratura Franciscana, S. Francisco resurgirá do tumulo das investigações historicas e scientificas, com aquella mesma bella apresentação, que sempre teve na tradicção popular — não meramente o amador da natureza, o poeta e o reformador social, mas o Fundador religioso a quem Gregorio IX dedicou o epitaphio — *Francisco viro Romano.*

PASCHOAL ROBINSON, O. F. M.

(1) Mgr. Fallocina, conferencia já citada. Foi publicada uma traducção d'este discurso no *Mensageiro Franciscano* inglez, a principiar de Março de 1903.

Recolhimento de S. Bernardino da Ordem Terceira de S. Francisco em Aveiro.

(Continuado de paginas 559)

VII

Antonio de Sá Mourão, sendo estudante de Medicina na Universidade, abandonou as aulas, por causa dos seus amores com D. Maria Cabral, filha do Morgado de Carrezedo no territorio de Bragança.

O Morgado recusou-se a dar a filha ao estudante, por este ter fama de descender de raça de judeus. E o estudante, receoso de alguma perseguição, fugiu para as proximidades da Guarda.

D. Maria Cabral, logo que soube, onde estava o seu apaixonado, ahi foi ter com elle acompanhada de alguns seus confidentes.

D'estes illicitos amores, nasceu Braz Luiz de Abreu, em Janeiro de 1692.

Quando este apenas tinha quinze dias, foi entregue pelo pae a Francisco Luiz de Abreu, seu intimo amigo, estudante de Medicina em Coimbra e natural de Ourem.

Francisco Luiz casou no anno seguinte com Francisca Rodrigues de Oliveira, tambem natural de Ourem. Estes conjuges tratavam a creança como se fora seu filho e a mandaram baptisar na mesma Villa, posto que tambem não se livrassem da fama de pertencerem á raça judaica.

Braz Luiz julgava-se filho d'elles e adoptou o sobrenome e o appellido do supposto pae, por

que assim o vira num caderno de exercicios caligraphicos, que Francisca Rodrigues lhe preparara.

Antonio de Sá Mourão, receoso das perseguições do Morgado e muito mais das perseguições do Santo Officio, poude a occultas e acompanhado da amante, fugir de Portugal e foi para a Hespanha e de lá para França e em Paris concluiu os seus estudos e alcançou o gráu de doutor em Medicina. De lá foram os dois fugitivos para a Hollanda e em Amsterdam, onde se demoraram muito tempo e casaram segundo o rito judaico.

Em 1697, concluiu Francisco Luiz de Abreu a sua formatura e ficou em Coimbra, fazendo uso das suas habilitações. Pouco depois avizado por uma carta anonyma teve de fugir de Portugal e deixou a creança entregue a Francisco de Moraes Taveira, natural de Villa-Flor, estabelecido em Lisboa e parente do mesmo facultativo.

Taveira tinha um filho, chamado Heitor Dias da Paz, que passou a sua infancia em Amsterdam e foi depois chamado para a companhia do pae.

Heitor affeiçoou-se a Braz Luiz, ensinou lhe as primeiras letras e, tendo-se resolvido em 1703 a ir para Coimbra, para estudar medicina, resolveu-se a levar em sua companhia o seu irmão adoptivo, que então contava pouco mais de dez annos.

Braz foi entregue aos professores do collegio de S. Paulo, e ahi esteve, como alumno interno.

*

Heitor, quando já frequentava a Universidade, foi accusado á Inquisição, como seguidor da lei de Moysés.

Preso e levado para o Tribunal do Santo Officio de Lisboa, ahi permaneceu e d'ahi saiu, para ser morto em 12 de Setembro de 1706 e seu pae suicidou se com veneno no mesmo dia.

A noticia d'este tragico acontecimento, muito contristou Braz, que estava e continuou a estudar naquelle collegio.

Tendo concluido os preparatorios aos quatorze annos, foi convidado pelos Jesuitas, para entrar na Companhia, mas, como estes vissem, que o estudante desejava seguir outra vida e não gostavam de contrariar vocações, não instaram com elle.

O mesmo fizeram os Paulistas e uns e outros lhe offereceram a sua protecção, quando elle declarou, que desejava estudar medicina.

Continuou a viver no collegio de S. Paulo e a ser protegido pelos seus habitadores.

Sempre estudioso e intelligente e assiduo nas aulas, tinha as sympathias dos seus protectores e dos seus lentes e uns e outros lhe relevavam qualquer falta, attendendo aos meritos do alumno.

N'uma noite e quando já frequentava o terceiro anno, poude illudir a vigilancia dos seus hospedeiros e, saindo e junctando-se com alguns academicos, entrou n'uma seria desordem, em que foi atrozmente espancado, perdeu o olho direito e esteve em risco de perder a vida.

Os seus companheiros nessa desordem e noutras aventuras nocturnas, foram os seus enfermeiros e depois os seus protectores, pois para elle ficaram fechadas as portas do Collegio de S. Paulo.

Pouco depois regenerou-se e mostrou-se socegado e serio e os Paulistas de novo lhe abriram as suas portas. Mas Braz, ou por vergonha, ou por dignidade, ou levado pelos conselhos dos seus novos protectores, agradeceu, mas não acceitou a offerta.

*

Em 1714 e com muita distincção alcançou o gráu de licenceado em medicina e, por conselho de um seu amigo, estudante de direito, foi no anno seguinte para Vizeu, onde se dedicou aos trabalhos, para que tinha diploma.

Segundo diz Camillo Castello Branco esteve ali até 1718, mas, pela combinação das datas de outros acontecimentos, parece, que esteve n'aquella Cidade só até 1716, pouco mais ou menos.

Então, desejoso de maiores interesses e chamado pela fama que o seu nome ia adquirindo, mudou a sua residencia para a capital.

Ahi augmentaram consideravelmente os seus creditos e os seus lucros. Vivia quasi na opulencia. E, para encobrir o defeito, que lhe causara aquella desordem, havia arranjado a pôr um *olho de vidro*, que lhe compoz a physionomia e deu origem á alcunha, por que logo começou a ser conhecido, não só na capital, mas em todo o paiz.

Em Lisboa tinha entrada nas casas das principaes familias e estas muito admiravam não só a sua erudição, mas os seus dictos sempre interessantes.

Umas questões amorosas concitaram contra elle os odios de algumas familias e alguns dos seus collegas, fingindo lamental-o, trataram de lhe diminuir os creditos.

Braz Luiz de Abreu, desgostoso e quasi desprotegido, teve de sair da capital a occultas e desappareceu, quando menos se esperava.

Tratou de mudar a sua residencia para o Porto.

Na sua jornada, demorou-se algum tempo em Coimbra, onde assistiu ao final da impressão de uma obra em hespanhol, que saíu da officina typographica de Bento Secco Ferreira, e cuja composição, havia começado em 1717.

Essa obra intitula-se :

«Aguilas hijas del sol, que buelan sobre la luna. Representacion comica, tragica, triumfal de la memorable victoria, gloriosamente alcançada por las aguilas impiriales contra las nocturnas aves ottomanas en el campo de Pater-Varadin, dia 5 de Agosto de 1716 »

*

Na sua jornada para a segunda cidade do reino, veio por Aveiro e aqui se demorou algum tempo e, tendo passeado muito pelos campos, encontrou n'elles e nos comoros uma herva, chamada *formigueira*, que elle entendeu ser o verdadeiro *chá da India* e assim o affirma no seu Portugal medico, impresso em 1726.

Em Outubro de 1718 achava-se Braz Luiz de Abreu no Porto, onde não tinha menores ganhos nem menos fama, do que houvera alcançado em Lisboa.

Ahi lhe apareceu uma senhora, que disse chamar-se D. Antonia da Piedade e que era acompanhada de uma filha, que se assignava Josepha

Maria de Castro e era tão sympathica e formosa quanto intelligente e erudita.

D. Antonia queixava se de graves molestias e achava-se falta de animo e de forças e então não eram muitos os meios, de que podia dispôr.

Dizia ella, que havia consultado muitos medicos, mas de nenhum houvera remedio e agora procurava Braz Luiz, por saber, que era muito afamado.

De nada valeram os remedios, que este medico applicára a D. Antonia.

Esta falleceu pouco depois, deixando a filha, que então tinha vinte e tres annos, entregue aos cuidados do seu facultativo e na hora extrema abençoou-os, pois ambos se amavam e trataram da sua união conjugal, o que foi muito da aprovação da moribunda.

D'este consorcio e dentro de nove annos, nasceram os seguintes filhos: Anna Maria, Maria, da Natividade, Thereza de Jesus, Antonia Maria Sebastianna Ignacia, Agostinho Luiz, Pedro José, e Raphael que morreu criança.

Em 1725 publicou Braz Luiz de Abreu, uma obra religiosa, intitulada:

«Sól, nascido no Occidente e posto ao nascer do Sól. Santo Antonio portuguez. Epithome historico e panegirico da sua admiravel vida e prodigiosas acções.»

Esta obra foi impressa em Coimbra na Officina de José Antunes da Silva.

Em 1754 teve em Lisboa segunda edição, impressa na Officina de José da Silva da Natividade.

Muito concorreu, para que D. Josepha, que havia sido educada em Paris e sem grande firmeza nas crenças catholicas, rivalidasse as ceremonias do Baptismo.

Egualmente concorreu, para que o seu auctor apezar de origem paterna, fosse nomeado Familiar do Santo Officio, cargo, que n'aquelles tempos era concedido a não poucos medicos e era tido como muito honroso.

Como já fica dicto, publicou em 1726 o «Portugal medico ou Monarchia medico-luzitana, historica, pratica, symbolica, ethica e politica.

Foi impressa esta obra, (mas só a primeira parte) em Coimbra, na officina de João Antunes.

E' um *in folio* de oitocentas e vinte e duas paginas, onde, com muitas receitas e muitas coisas serias, ha muitos versos e muitas coisas engraçadas.

Ahi o auctor censura os abusos de certos medicos e os de alguns charlatães nacionaes e extrangeiros e a crença, que tem nelles algumas pessoas.

Essa obra alcançou-lhe muitos inimigos, não só entre esses charlatães, mas até entre os facultativos, legalmente habilitados.

Desgostoso e quasi perseguido, viu se obrigado a sair do Porto e tomou a resolução de vir para Aveiro. Aqui e em principios de 1727, fixou a sua residencia na rua Nova, ou Rua Nova do Campo, depois das Beatas e hoje da Sé

A casa, em que se installou com sua familia, ficava do lado do poente e quasi defronte da egreja do Recolhimento de S. Bernardino, a qual mais tarde serviu de Sé, e por isso a rua teve tal denominação.

Essa casa depois de diversas transformações e de haver pertencido a diversos donos, é hoje propriedade de um antigo artista, possuidor de alguns haveres e que quasi totalmente a mandou reconstruir.

Em 20 de Maio do mesmo anno de 1727 foi despachado para medico do partido da Camara o Doutor Braz Luiz de Abreu.

Este facultativo gosava aqui de geraes sympathias, vivia na abundancia, tratava-se á lei da nobreza e comprou alguns predios rusticos e urbanos.

Em 7 de Maio de 1729 tomou o habito da Ordem Terceira de S. Francisco, ou por transferencia da mesma Ordem, estabelecida em Ourem, ou por que lá havia entrado para noviço.

Para ser admittido na de Aveiro, houve a proposta de Frei Francisco de S. Thiago, Commissario da mesma Ordem.

N'aquelle livro diz-se, que Braz Luiz de Abreu era natural de Villa de Ourem e tinha o partido da medicina em Aveiro e aqui vivia na Rua Nova.

Aveiro

(Continúa).

RANGEL DE QUADROS.

PENSAMENTOS

Por mais recatada que seja a caridade — especie de violeta emboscada nos vallados — evola-se d'ella um duplo aroma que a denuncia: o contentamento secreto da consciencia de quem a exerce e o reconhecimento intimo de quem a recebe.

VISCONDE DE BENALCANFOR.

— Quem ama um ingrato não ama ninguem.

PLAUTO.

— A vida é demasiado curta, mas demasiado comprida para as coisas inuteis que se dizem.

SCLAFER.

ANECDOTAS

Certo individuo conversando com outro, disse:

— O typho é uma doença terrivel. Se se escapa da morte, fica-se idiota.

A quem o dizes?... Eu que o tive dos mais serios.

— Sempre desconfiei disso...

*

— Passando por uma confeitaria, Bébé e sua mãe, uma visinha chamou a pequenina e deu-lhe um bom bocado, que ella começou logo a comer.

— «Então, Bébé, como é que se diz» reprehende a mamã.

— «Quero outro!...» respondeu a menina com a bocca cheia.

*

O que vale uma virgula :

N'um exame de chimica, o examinador, querendo divertir-se com o examinando, perguntou-lhe :

— Para que serve o carvão, animal ?

— Para retirar o assucar, bruto.

Leituras amenas

DIAS DE FELICIDADE

VI

As esperanças de Leonor

Leonor conservava-se ainda de joelhos ante o seu triste e sombrio crucifixo, quando o Joaquim lhe veio annunciar a visita da marqueza de Azemel.

Leonor dirigiu-se logo á sala de visitas, onde a marqueza a esperava. Apenas a viu, lançou-se-lhe ao pescoço, sem dizer palavra, emquanto crystalinas lagrimas de tristeza e dôr lhe rolavam sofregamente pelas faces palidas e abatidas.

A marqueza tinha-se preparado para lhe dizer algumas palavras de confôrto e até de alegria, d'aquellas que ella sabia prodigalizar a toda a gente nos grandes centros de régabofe aristocratico.

Ao vêr, porém, a tristeza de Leonor, entupiu, abraçou-a em silencio e não pôde impedir que as lagrimas lhe corressem pelas suas faces pintadas de carmim, com o perigo fatal e imprevisto de um importuno desbotar de tintas.

Grandes sulcos tinham abrido já as lagrimas no rosto da marqueza, por entre as alvuras dos pós d'arroz.

A marqueza percebeu que estava um pouco descomposta e pensou que não valia a pêna, por tão pouca coisa, acabar por chorar grossas pingas côr de carmim. Acabou, pois, de chorar, ao mesmo tempo que ia dizendo a Leonor:

— Ai filha! Quem havia de dizer?

Foi a primeira fraze que lhe occorreu e que ella quiz emendar logo, por vêr que não era bem arrebicada e conforme a etiqueta: aquelle — ai filha! — era lá coisa que uma marqueza dissesse?...

A emenda porém não veio a tempo.

Leonor respondera logo:

— Mal imagina minha boa amiga, quanto tenho soffrido nas longas horas que passei sózinha desde que saí do escriptorio de meu pai.

— Que tortura, meu Deus! respondeu a marqueza, entrelaçando quasi angustiosamente as suas mãos de neve.

— Diz bem, marqueza, é uma grande tortura verem-se perdidas num momento todas as esperanças mais queridas e convertida a vida num horroroso inferno.

A palavra — inferno — não soou bem aos ouvidos da marqueza. Contudo respondeu:

— Mas que crueldade, D. Leonor!

— Ai! e que hei de eu fazer? Se caso com o Luiz Maroto, que eu não conheço e com quem, para falar com franqueza, não sympathiso, tenho de soffrer uma vida continua de martyrio. Se não caso...

— Espera-a o convento — terminou a marqueza. — Mas quem é esse Luiz Maroto?

— Eu não sei, minha amiga; só sei dizer que é um homem muito rico e muito feio, parece mesmo — Deus me perdôe! — descendente de gallegos; e que estou promettida por meu pai a esse homem que ás vezes tenho visto entrar em casa, mas com quem nunca falei.

— Ora essa!

A marqueza, com estas frazes pequenas e medidas, desejava saber *delicadamente* toda a historia, talvez para a contar á noite em casa ás suas numerosas amigas. Foi por isso que ella veio, apenas recebeu a carta. Era um escandalozinho bem bom! A pobre Leonor, innocente e inexperta, ia contando tudo o que sabia, confiando na marqueza, afim de que ella lhe dispensasse alguma protecção.

Tratou pois Leonor de lhe expôr todos os seus pensamentos ácêrca das medidas a tomar para não entrar no convento e terminou dizendo:

— Já vê, querida marqueza, que só com a sua protecção posso alcançar algum alivio na minha desgraça. Que faria eu sósinha num convento? Oh! choraria sempre de magua e havia de acabar alli os meus breves dias, numa desesperação e tristeza que eu não posso sequer imaginar...

— O snr. Conde certamente não falou a sério; interrompeu a marqueza, com mêdo que Leonor lhe fizesse algum pedido *importuno*.

— Ah! minha boa amiga; é que ainda não conhece o Papá...

— Se ha coisa mais inutil e hedionda que uma freira?... insistiu a marqueza com despreso.

— Oh! isso não, marqueza; bem sabe que eu devo tudo quanto sei ás minhas boas e queridas Dorothéas; mas enfim, aquillo, creio eu, é só para quem tem vocação...

— Pois sim; não digo menos d'isso; emendou a marqueza — mas o snr. conde....

— O Papá certamente não o disse para me metter um susto, não. Elle não brinca, não costuma gracejar assim.

Depois de um momento de silencio Leonor continuou:

— Já vê, pois, cara marqueza, que... só... fugindo... — Leonor córou e ficou um pouco pensativa; depois continuou com animo: — sim, só fugindo é que posso livrar-me de semelhante desgraça...

— E para onde? disse a marqueza um pouco assustada.

— Isso é que eu não sei; mas talvez que a minha boa amiga...

— Eu? com todo o gosto. Mas... não haverá inconvenientes?... E o snr. Conde?

— Poder-se-ia combinar tudo para o dia em que eu partisse, disse Leonor com enthusiasmo. A marqueza mandava ao caminho dois dos seus creados com alguns cavallos e eu combinava cá, com os que me fossem acompanhar... Não haveria perigo. E depois... oh! depois, continuou Leonor, como que entrevendo a felicidade que tão facil se lhe affigurava, eu e o Alferes pagariamos com o nosso eterno amor á minha salvadora e minha amiga este tão grande beneficio...

E ao mesmo tempo em que dizia isto, Leonor n'uma expansão e num arrebatamento de fervor enthusiastico pela ideia que a deslumbrava, lançou-se como doida nos braços da marqueza que a recebeu com uma encoberta indifferença, muito susceptivel de traducção nestas curtas palavras: — *amigos, amigos, negocios á parte! que falta de delicadeza!...*

Positivamente a senhora de Azemel não sympathisava com a ideia. Era uma grande maçada?

Contudo era preciso conservar os formalismos e a amizade de Leonor.

Por esta razão a marqueza não se negou terminantemente a satisfazer o pedido de Leonor, em que ella tinha posto todas as suas esperanças. Respondeu-lhe, pois, que ia pensar no melhor modo de se prepararem as coisas e que tivesse confiança que tudo se havia de arranjar.

A marqueza, porem tinha tomado já a sua resolução. No dia seguinte mandava-lhe uma carta, dizendo que era inteiramente impossivel arranjar o que Leonor pretendia, allegando qualquer frivolo pretexto, como os que todos os dias ouvimos a quem nos não quer fazer um favor e não tem o animo e a franqueza de dizer — *não quero!*

Leonor, contudo, confiava na marqueza e mantinha todas as esperanças de obter a fuga e de poder casar-se d'este modo com o Alferes.

Como o coração engana! Leonor, em outra occasião que não estivesse tão apaixonada e dominada por qualquer impertinente ideia, como a que agora a occupava, teria lido immediatamente no animo da marqueza a sua resolução, apezar dos bellos sorrisos em que ella envolvia as suas mentirosas palavras.

Agora, porem, acreditou na sinceridade da marqueza e beijou-lhe, reconhecida, as mãos, na embriaguez da sua alegria.

E' preciso desculpal-a. Quantas vezes, quando o perigo é inevitavel não conservamos nós, apezar de tudo, uma esperança infundada e vã de lhe podermos fugir?

Chegara a hora de a marqueza se retirar. Despediu-se de Leonor um tanto preoccupada. Mas, quando ia a sair, voltou-se de repente para a sua interlocutôra e, como se tivesse uma ideia mais feliz d salvação, exclamou:

— Sabe o que me lembrou agora?

— Que foi?

— Se eu fosse pedir ao snr. Conde?

— Por amôr de Deus, marqueza! não faça isso...

— Veria como tudo se arranjava...

— Como? Isso não é possivel!

— Venha commigo...

— Aonde?

— Ao escriptorio de seu Papá.

— Impossivel. Que me diria elle?

— Nada. Quem fala sou eu.

— Mas...

— Eu arranjo tudo.

A marqueza disse isto com tal convicção, forçando suavemente o braço da pobre Leonor para que a acompanhasse, que esta, por fim, cedeu. Leonor estava prompta para tudo o que a pudesse salvar de ir para um convento e de se casar com Luiz Maroto. Naquelle momento antes parecia uma machina do que uma senhora de pensar lucido e recto.

A marqueza, por sua parte, embora tivesse a certeza de que nada arranjaria e de que talvez compromettesse o negocio, tomou aquella lembrança como uma inspiração vinda do céu.

— Desta me livro eu; — pensava a senhora de Azemel — ella depois que se arranje.

Dirigiram-se ao escriptorio do conde. Leonor trémula e indecisa, aguardava anciosamente o resultado da diligencia. Ao mesmo tempo, a marqueza de Azemel preparava um dos seus melhores e mais aristocraticos sorrisos. Entraram. Instantaneamente o rosto de Leonor desanuviou-se e ficou risonho. E' que lá dentro, com o conde, estava ainda o Padre Antonio.

(Continua).

INSECTOS

XVIII

AS FORMIGAS

Suas classes, caracteres e linguagem

A' maneira das abelhas vespas, gafanhotos e outros insectos, as formigas juntam-se em sociedades numerosas e muito mais bem organisadas que as d'aquelles. Comparada porém a forma do governo de suas republicas, com a das abelhas ou vespas, nota-se desde logo uma differença extraordinaria. O governo destas é monarchico, e de tal maneira depende toda a sociedade de sua rainha, que, se esta faltar, perece irremediavelmente toda a colonia.

E' que a rainha não é só a cabeça da sociedade, um membro superior aos demais em dignidade e primazia; esta primazia é-lhe devida, porque sobretudo é mãe de todos os individuos que lhe estão sujeitos, centro e alma da sociedade; d'onde procede a grande estima e veneração que todos lhe consagram, a submissão e respeitos de que é certamente tão acredora.

As formigas pelo contrario, não sendo exclusivo de uma só as faculdades da reproducção, e não carecendo por isso de uma que esteja sobre todas e de que todas dependam, adoptaram a forma republicana, no sentido mais amplo da palavra, que é certamente a mais perfeita forma de governo, e mais racional e util a uma sociedade em taes condições, como as que disfructam as formigas.

Estas republicas sim que são verdadeiros modelos de igualdade e fraternidade, e traduzem perfeitamente as impossiveis utopias dos mais sublimes sonhadores. Aí são communs todas as cousas necessarias á vida e bem estar de cada uma, iguaes os direitos de todos os cidadãos; a ordem, a paz e harmonia mais appeteciveis, a felicidade mais completa, não são jamais alteradas no meio d'estas sociedades modelos. Todas se ajudam mutuamente, todas proveem ás necessidades de cada uma na medida de suas proprias forças; compartem todas os mesmos perigos, as mesmas contrariedades; emfim não ha entre ellas distincção de classes, todas são irmãs.

Uma colonia de formigas compõe-se necessariamente de *femeas fecundas*, *machos alados* e *obreiras apteras* ou sem azas.

A's primeiras, cujo numero é incerto, está cometida a propagação e conservação da especie. São, pois, no formigueiro, o que é a *abelha mestra* no cortiço, no que diz respeito á procreação; quanto aos direitos sociaes e politicos não se destinguem da infima das obreiras.

Teem azas como os machos, mas não gozam deste adorno senão até ao momento de se acasalarem; passado elle, ou lhes caem naturalmente ou as obreiras lh'as arrancam para assegurarem o futuro da colonia e garantirem ao formigueiro uma sociedade populosa e trabalhadora.

O macho distingue-se perfeitamente das demais pela cabeça mais airosa e pequena, suas formas mais delicadas e esbeltas. Seu unico mistèr é copular as *femeas fecundas*, indo acabar logo sua existencia ephemera a grande distancia do formigueiro.

As obreiras, mais pequenas e apteras, são as mais numerosas e as que constituem, para assim dizer, a população laboriosa e productiva dos formigueiros.

A ellas principamente pertence a construção de seus primorosos edificios, o aprovisionamento dos armazens e os demais misteres de utilidade publica, taes como: limpeza dos seus labyrinticos corredores, arejamento dos generos humidos, guarda das entradas da habitação e defeza de suas companheiras.

Uma outra classe de individuos se nota entre ellas, bem distincta por sua cabeça de tamanho e feitio extraordinarios, mandibulas de ferro e forte musculatura, ainda que raras vezes excedem as demais no talho do corpo. São as encarregadas de guardar as fronteiras de seus dominios, fazer guerra aos inimigos exteriores, se por acaso é necessario vingar alguma offensa ou sustentar os direitos violados, ou finalmente alargar o territorio adquirindo novas conquistas. São os *soldados* destas pequenas *republicas*.

*

As formigas mereceram sempre a alta consideração dos sabios e dos curiosos pela sua muita finura e elevados instinctos. Sua actividade, previdencia e perspicacia foram altamente preconisadas pelos mais illustres fabulistas, e com sobrada razão, pois são ellas o simbolo do trabalho e da economia.

Os sentidos destes insectos são dos mais perfeitos e bem organisados.

Seus olhos aparentam a mais completa variedade quanto ao numero de facetas de que se compõem. Desde os olhos simples formados de uma só faceta, até aos compostos de mil e duzentas facetas ou olhinhos simples, a escala é immensa, e é esta certamente uma optima base de classificação deste grupo de *hymenopteros*. Que primorosas organisações! Que maravilhas e bellezas em um tão infimo ser da creação! Que segredos não encerra a natureza no ultimo dos seres que a compõem, e que parece jámais virão a ser perscrutados pelo *homo sapiens!* Parece que Deus se comprazeu em fazer inigmas que o homem jámais poderá decifrar!...

Tambem as formigas possuem uma linguagem, um meio de se communicarem, e de se fazerem entender umas ás outras. As antennas, recurvas em forma de cotovello, são o instrumento desta maravilhosa linguagem e a rede principal do tacto.

Huber, apaixonado pelos estudos da natureza, dedicou grande parte de sua vida a estudar os *hymenopteros*, sobretudo as abelhas e formigas, e, apezar de cego, foi elle quem fez as mais curiosas observações a respeito destas ultimas e principalmente sobre este facto que baptisou com a genial denominação de *linguagem antennal*.

Segundo o apaixonado naturalista é por meio desta *linguagem* que ellas annunciam suas descobertas ás companheiras, avisam-nas de qualquer perigo ou desastre, teem aturadas conferencias, antes de resolver qualquer assumpto ou de partir para uma expedição, tacteando-se de diversas maneiras com as antennas, postadas umas em frente das outras.

Que ellas se communicam e entendem desta maneira, ninguem o pode duvidar e todos podem verificar; e que nome deveremos dar a este modo de communicação? Nada obsta a que lhe chamemos *linguagem antennal*, como o fez Huber, antes parece muito conforme com a realidade.

Quem as não observou ainda em suas diligentes e afanosas correrias pelos campos?

Approximemo-nos d'um grosso carreiro de formigas. Parte d'um grande formigueiro, que é ao mesmo tempo uma cidade e um povo. Que nos surpreende aí nesse labirinto de individuos, que andam, que correm, que param, que marcham, que retrocedem, que se encontram, que se confundem?

Mas haverá porventura desordem aí onde tantos individuos se junctam na persecução de um fim que interessa a todos igualmente? Não, tudo é harmonia e concerto, todas seguem um mesmo plano, entre ellas ha a maior união, a mais acrisolada fraternidade!

Sigamos uma das formigas durante todo o seu trajecto sem nos confundirmos com as que vão e veem sem cessar. Sigamos. Lá vai ella em póz um cereal perdido pelo lavrador, mas que a providencia tinha destinado para a laboriosa formiga.

Vem para o formigueiro, e entre tanto outras e outras se teem cruzado aos milhares. Uma d'ellas chega-se á primeira e, como se estivessem combinadas, toma-lhe a carga, sem que haja contendas, e volta a segunda para o formigueiro e a primeira torna ao campo em busca de novo grão.

Acompanhemos uma terceira que vai agora a sair do formigueiro. Vai muito inquieta, descrevendo mil zig zags para se não encontrar com as companheiras, acelerando a marcha quanto lhe é possivel. De que negocio irá tratar ou de que missão seria incumbida? Andemos que ella tambem segue a passos de gigante.

De repente, em frente de uma que se vem dirigindo para o formigueiro, pára, e a outra pára tambem. Tacteam-se rapidamente com as antennas, recuam um pouco exitantes como para formularam resposta conveniente, tacteiam-se de novo e... partem. Mas a poucos passos, uma d'ellas volta para traz, como tendo-se recordado de alguma circunstancia que devia ter communicado á companheira; faz-lhe signal, param, communicam-se de novo e separam-se definitivamente.

Que significarão todas estas manobras tão extranhas e tão novas para quem as observa a primeira vez? Não terão objecto algum? Serão meros caprichos dos insectos? Seria absurda uma tal afirmação; e se alguma cousa significam, que hão de significar todas estas manobras senão a communicação mutua dos insectos entre si? Sigamol-as ainda.

Mais adeante novo encontro. D'esta vez não se limitaram a uma simples troca de signaes, de *palavras*, poderiamos chamar-lhe. Tactearam-se, *falaram* muito a serio sobre um assumpto da maxima importancia e voltaram ambas para traz.

O que realmente se *disse* e tractou entre ellas impossivel é advinhal-o. Podemos não obstante fazer esta conjectura: Deu-se talvez um acontecimento grave no formigueiro, e essa formiga que vimos caminhar com tanta pressa, seria alguma *emissaria* encarregada de chamar esta que a vem acompanhando para a toca.

No primeiro encontro a *emissaria* tomou exclarecimentos a respeito da segunda: «*onde estará? em que alturas a poderei encontrar? etc.*» Ouvida a resposta proseguiram seu caminho. «*Poderá partir logo*»? replicaria a primeira, razão porque a vemos voltar a traz e pôr-se em contacto com a mesma a quem tinha feito as primeiras perguntas.

Satisfeita a pergunta seguem de novo seu destino.

Ao encontrar a companheira que buscava communica-lhe as ordens que leva e voltam ambos para casa com muita pressa, sem se importarem com as que vão e veem incessantemente. Entram no formigueiro, e, como por agora não podemos aí penetrar, tambem não é possivel vêrmos o ultimo resultado d'essas extranhas e curiosas manobras.

E' principalmente em occasiões extraordinarias e alarmantes que ellas fazem uso d'essa tão significativa *linguagem*. Nem admira, pois sendo o instincto a norma de seus actos todas concorrem quase fatalmente para produzil-os dum modo ajustado ás suas necessidades, sendo inutil a continua communicação entre ellas; em casos, porém, anormaes é necessario o conselho de muitas, certas combinações ajustadas a um novo estado de cousas, e por isso um meio adequado qual é a *linguagem antennal*.

Desmorona-se, por exemplo, um formigueiro,

ou uma galeria de suas vastas habitações. Em um momento é necessario pôr em salvo a prole querida, livrar d'uma completa ruina as ricas provisões, acudir ás victimas d'ella sem perda de tempo, desobstruir os compartimentos que ainda se poderão salvar e finalmente arranjar novas habitações ou proceder a outros reparos. Tudo isto se deve fazer com muita presteza, ordenadamente, sem atropellos nem rinhas. D'aqui nasce a necessidade de tomar precauções, formar planos, ordenar os trabalhos. Eis porque passados os primeiros momentos de panico e alvoroço, todas se põem em movimento, d'um lado para o outro, tacteando-se, segredando, *falando*, combinando umas com outras o melhor modo de resolver este problema da maior transcendencia. Feitas estas combinações, toma cada uma seu posto, entra tudo em boa ordem, e, como se nada houvesse succedido, todas começam a trabalhar com muita paz, e tranquilidade.

Umas desobstruem as entradas do formigueiro ou da galeria que desabou, outras accarretam a terra para longe da toca; estas introduzem os ovos e as larvas no mais escondido de suas camaras interiores, aquel'outras cavam novas galerias e novos buracos, ou limpam e aperfeiçôam os já começados.

Os trabalhos adeantam-se que é uma maravilha; em poucos momentos estão reparados todos os estragos, e toda a republica entrou em ordem e em socego!

Donde procede tanta rapidez e perfeição d'uma obra aliás complicada e dificil?—Do grande numero de obreiros—diria alguem, mas certamente esse grande numero antes se atropellaria, se não fosse seguirem um plano estudado, e guardarem a ordem estabelecida, conservando-se cada uma no seu posto sem se intrometer jamais nos negocios alheios.

E como chegaram ellas a um tão brilhante resultado, que até faz inveja aos mais abalisados chefes de qualquer officina ou empreza? Por meio da combinação, conversando sobre as providencias a tomar num caso tão critico, *falando* sua linguagem propria, a *linguagem antennal*, e guardando a ordem estabelecida.

Um facto bem notorio são os *carreiros das formigas*, e que vem em pró desta opinião.

Quem lhes disse a ellas que em tal ou qual logar havia abundancia de mantimentos para encher seus celleiros? Quem lhes descobriu essas minas com que podessem fartar a sua ambição?

TENTATIVA FRUSTRADA

Nunca estão paradas e ociosas as formigas. Em suas constantes correrias, que fazem insuladamente por toda a parte, uma d'ellas topou com uma grande mina, e não querendo exploral-a só, — pois de que serviria ella a um individuo que é todo para a sociedade? — veio *participar* a suas companheiras tão grande achado. Então, instruidas pelas indicações da mais afortunada, e seguindo-a ao logar asignalado, aí vão todas em fileira, em ordem, como um exercito que vai á conquista d'um grande reino. Em suas continuas idas e vindas do formigueiro para o sitio da messe e deste para o formigueiro, é que fizeram esse carreiro tão trilhado e polido.

Ora, como é que num instante se poseram todas a caminho para um sitio determinado, forte e rico em mantimentos preciosos para o aprovisionamento de seus celleiros, sem que alguem as avisasse e impellisse para aí? Não é possivel outra explicação do facto.

Echos de S. Francisco e S. Antonio

A Ordem Terceira

Sobejamente se tem mostrado, já n'esta secção já em outras d'esta revista, os males que perturbam a existencia da sociedade moderna.

Permittir-se-me-á, portanto, que, em mui resumida synthese, os vá apontando no decurso d'este modestissimo artigo.

Que é, para que serve e que pretende a Ordem Terceira?

A resposta a esta questão, indispensavel na elaboração do nosso programma, contem-se na ideia que se fizer do valor do Christianismo.

Ha já dois millenios que a Civilização Christã se impoz, pelo seu amplo ideal, ao mundo europeu.

As grandes divisões da historia não lhe são alheias. Cada edade representa um progresso, um passo ávante e muito natural na humanidade desde os mais simples elementos da vida até á propria concepção da dignidade humana, e uma adequação do Christianismo, em cada nova epoca, a novas exigencias.

Pois não é certo que as ideias e os costumes christãos tem centralizado, como elemento conservador, as forças a liberdade, a expansão, que nos são representadas, em cada seculo, pelas — *exigencias sociaes* —, produzindo um movimento uniforme e progressivo em direcção ao fim, que as sociedades procuram?

O Christianismo amoldando-se ás necessidades sociais que sucessivamente se renovam, tem sempre determinado a essas exigencias o seu verdadeiro sentido, o seu justo e legitimo valôr.

E' este amoldamento e esta elasticidade que constitui a vida social do Catholicismo e que nos permitte affirmar a sua existencia indefinida.

Descendo agora ao terreno pratico e estudando ahi a questão, devemos procurar quais as ideias, os sentimentos, os costumes reguladores do Christianismo.

Sem mais delongas, apontemol-as, que ellas por si mesmo se justificam: «E' preciso cumprir toda a justiça», dando «a Deus o que é de Deus e a Cezar e que é de Cezar». Por isso «servirás o teu Deus», «honra o teu pai e a tua mãe» e «não faças aos outros o que não queres que te façam a ti». «Se o teu irmão te injuriar vai e corrige-o quando esteja só» e perdoar-lhe-ás «setenta vezes sete vezes».

«Amarás o Senhor teu Deus e o teu proximo como a ti mesmo». E o proximo são todos os homens, porque «quando orardes dizei: Padre-Nosso que estais no céu». Somos todos filhos do mesmo pai.

«O meu Pai Celeste» exigir-vos-á tudo o que deveis «se cada um não perdoar ao seu irmão de todo o seu coração». «Amai-vos uns aos outros».

Nenhum homem é mais que outro pelo seu sangue ou pela sua raça; ao contrario «os que são poderosos serão humilhados e os fracos serão exaltados», «muitos dos que são primeiros serão os ultimos e os ultimos serão os primeiros». Só o trabalho torna o homem mais ou menos digno, mais ou menos perfeito: «*sêde* perfeitos como o vosso Pai celeste é perfeito».

«Em verdade vos digo que, a não ser que vos façais como meninos, não entrareis no reino dos céus». «Aquelle que se humilhar como este menino esse será o maior no reino dos céus» E ai de quem o desprezar. «Ai de vós Escribas e Phariseus hypocritas; porque comeis as casas das viuvas, fazendo longas orações: por isso sereis mais severamente julgados». «Ai de vós, ricos»... Muito mais poderia citar.

Lembro apenas as bemaventuranças que Jesus Christo prégou.

Do que acaba de lêr-se se conclúi que para se viver socialmente bem, é indispensavel que — amemos a Deus e o nosso proximo, que pratiquemos a justiça e a caridade, que sejamos humildes, simples e modestos, que não sejamos hypocritas nem ladrões, que não nos materializemos com as riquezas e os prazeres, emfim que vivamos como homens e como christãos.

Alem disso toda a nossa honra provem do trabalho. Não é um ente racional o homem que, tendo muito, gasta muito e imprevidentemente mas o que, com o fructo do seu trabalho o augmenta e sabe empregar, adquirindo assim um caracter nobre, proprio — uma personalidade. E' o que Christo nos quer ensinar quando nos diz que sejamos perfeitos como o nosso Pai celestial é perfeito. Mesmo o que não trabalha não é um homem porque não merece comer: «o que não trabalha que não coma», diz S. Paulo.

São estas as ideias os sentimentos, os costumes do Christianismo. Com esta lei de justiça e de caridade e de trabalho é que deve começar-se a resolver o terrivel problema que se ergue com um olhar lúgubre de sphynge no meio d'esta paz pôdre da vida social que vivemos em Portugal. Ante esses principios evangelicos cai o egoismo, a riqueza desordenada, o luxo, a usura e a miseria — porque são uma injustiça; desapparece a luta entre classes, a oppressão do mais fraco pelo mais forte e a rebellião das camadas populares contra os ricos — porque são uma injustiça e uma desordem; morrem os odios entre ricos e pobres, os ricos favorecerão os pobres e estes olharão com complacencia para os ricos, distribuindo-se assim pacificamente a riqueza — porque o que até agora temos visto é a maior falta de amor, de caridade, de paz, esquecendo-se todos de que um homem é egual a um homem, de que todos somos irmãos e como irmãos devemos viver. Exterminam-se a ociosidade e a vadiagem, as nephelibatices de salão, as vaidades pueris e femininas e todo o mal-estar proveniente destas calamidades (porque isto é geral), applicando a lei do trabalho, que quer dizer — instrucção, educação religiosa, civica e profissional, habilitando-se cada um a viver com o fructo da sua operosidade, com o suor do seu rosto. «Eu trabalhava com as minhas mãos e quero que todos trabalhem», dizia tambem S. Francisco d'Assis.

Por fim, esta doutrina, ensinada e assimilada por todos, produz uma só fé, — unico agente para a união e para a paz. Querer unir homens sem ideias communs é o mesmo que pretender reunir pensamentos distinctos num só, sem uma faculdade, uma intelligencia que os receba e synthetize. Os primeiros christãos eram um só coração e uma só alma, porque só tinham uma convicção e uma fé — *una fides!*

A doutrina de Christo, porem, não nos ensina isto sómente.

Diz-nos ainda que esta união e esta paz a devemos estabelecer não só entre os nossos amigos, mas tambem entre nós e os que não commungam nos mesmos ideais. «Amai os vossos inimigos.»

Não é com — morras — nem com vozes de desdem, não é chamando — malvados, impios e desgraçados — aos que nos combatem que nós alcançaremos a sua adhesão.

E' pelo amor, pela tolerancia, pelo bom intendimento entre nós e elles que poderemos obter o que justamente pretendemos; obrar d'outro modo é ignorar por completo os mais rudimentares principios da moral que Christo nos ensinou.

Que esta moral — a christã — seja a unica capaz de produzir algum bem na sociedade é o que todos — incrédulos, indifferentes e catholicos — affirmam sem rebuço nem desconfiança. A moral mais sublime não é aquella que tem principios mais abstractos. Como prova, temos a queda de todas as morais tentadas fóra do Christianismo. A melhor moral é a que, applicada á vida, produz melhores resultados. Um homem julga-se pelas suas acções. Quer dizer: sabe-se da moral d'um homem pelos effeitos que apresenta e não se julgam esses effeitos por uma moral preconcebida.

A moral é feita para se viver moralmente bem. Para isso é necessario saber antes o que constitui a vida humana e não forçar a vida a uma lei completamente abstracta, pensada no gabinete de estudo. Já ficou apontado que a vida social do Christianismo está comprehendida na sua elasticidade e no seu amoldamento ás exigencias justas da vida humana em cada seculo.

Portanto, constituindo a moral christã a unica regra de vida para a humanidade, é necessario, para que a humanidade viva, que se christianize.

Eis o que fez a Ordem Terceira no seculo XIII, e o que Leão XIII a encarregou de fazer no seculo XX.

Por mais que queira é-me impossivel deixar de apontar um facto — o mais real, talvez, da vida contemporanea.

Cingindo-me a Portugal, eu noto que o sentimento do povo é profundamente christão e que d'esse sentimento deu sobejas provas em tempos que não vão longe.

Hoje, porém, o resfriamento é geral. O povo fugiu dos catholicos e, ficando christão no sentimento, deixou de o ser na vida pratica. Porquê?

Dizem alguns — os positivistas — que a industria e a sciencia abriram novos horisontes e que a Egreja é impotente para dirigir este novo movimento.

E' uma illusão, um engano. Será talvez doloroso confessal-o, mas a realidade, para quem observar, é esta: os catholicos que dirigiam em Portugal o movimento christão (?), com medo não sei de quê, metteram-se nas sachristias, refugiaram-se nas igrejas. O povo, cheio de esperança a principio, seguiu-os... O homem, porem, não tem só espirito; ao contrario, sendo a vida do corpo a condicção da vida do espirito, o corpo tem tambem as suas exigencias e requere o seu bem-estar e o seu progresso. Ora, nas igrejas reza-se, não se come. Por consequencia, cingindo-se os catholicos simplesmente a rezar nas igrejas, o povo, ainda quando não deixasse de rezar, devia voltar-se e voltou-se para aquelles que lhe offereciam mais algumas garantias para o seu bem-estar material indispensavel.

E como os que lhes offereceram essas garantias eram anti-catholicos e anti-religiosos — e, por isso, olharam exclusivamente ao progresso material — chegaram a preocupar a alma popular somente com o bem material e corporal, materialisando e sensualisando a vida. Este materialismo prático produziu o egoismo; porque a materia não se communica nem se penetra como o espirito.

A culpa temol-a nós.

Mas se este facto é real, não é menos certo que o sentimento do povo muito facilmente se nos afeiçôa. Se nós, catholicos, saindo das igrejas, sem as esquecermos, tratassemos da vida em toda a sua extenção — espirito e corpo — pela educação e pelo pão corporal, lembrando-nos de que o Christianismo foi feito para homens e não para anjos e que é, como vimos, eminentemente social, o povo insensivelmente — quasi diria: fatalmente — viria ter comnosco e dava-nos as mãos, tornando-nos relativamente facil esta regeneração que pretendemos. Talvez se julgue isto um sonho. Tenho, contudo, uma prova de não pequeno valôr: é o movimento iniciado ha poucos annos pelos Circulos Catholicos e pelo partido nacionalista. As forças de que este dispõe são já respeitaveis; quer dizer os catholicos adquiriram já a sympathia popular e por isso são considerados por todos como força de não somenos importancia. Porquê? Porque trabalharam, porque deixaram a preguiça e a indolencia que acobertavam com o manto da piedade; sairam para a rua e souberam impôr-se...

Não haja, porem, illusões. Os resultados obtidos não querem dizer que a maioria nacionalista sejam christãos praticos e convictos. E muito naturalmente. A moral não se ensina na urna nem nas conferencias politicas. Ao contrario. A urna suppõe a moral. E a moral suppõe uma fé e uma convicção.

A' Ordem Terceira está confiado esse papel. Dar uma fé, christianizar a vida, fazer praticar o Evangelho: eis a que se devem dirigir, por ora, em Portugal, todos os seus esforços.

Nenhuma outra instituição póde mais facilmente obter este resultados. E para não alargar mais o presente artigo apontarei apenas algumas das razões em que me fundo para fazer esta affirmação.

O seu fim é este precisamente. E facil será concordar em que, sendo os Terceiros (os verdadeiros Terceiros) a parte mais selecta do catholicismo, muito mais facilmente elles aceitarão a moral do Evangelho a que a maioria pretende fugir com sofismas especiosos.

Além disso a Ordem Terceira revestindo-se do espirito de humildade e de Pobreza de S. Francisco tem dado já o maior passo para a manutenção da justiça social. Para combater o egoismo e a injustiça rei-

nante só uma convicção de desprendimento e de Pobreza. Quem melhor o póde dar que S. Francisco d'Assiz?

Eis a razão porque Bonghi affirmava que «não se fez uma reforma, não se creou uma instituição popular cuja ideia principal não tenha sido pedida a S. Francisco»...

Acabo, como se vê, de explicar a razão de ser da Ordem Terceira e de apontar em traços gerais o seu amplissimo programma.

Analysal-o e definil-o mais consciente e detidamente, para que na pratica se torne mais proveitoso, é o que farei nos restantes artigos.

*

* *

Em Montariol — No dia 8 fez-se a costumada reunião mensal dos Irmãos Terceiros em Montariol. A's 10 horas subiu o Rev. Padre Director ao pùlpito fazendo uma breve pratica explicativa das primeiras prescripções da regra dos Terceiros Franciscanos.

A explicação versou sobre aquellas palavras. «Não se admitta para membro da Ordem Terceira quem não tiver quatorze annos de idade completos; que não seja de bons costumes; amigo da paz e concordia...»

A explicação foi breve e clara, expondo o Rev. Director aos 1:200 Terceiros assistentes, que na sua maioria pertencem á classe popular, uma doutrina muito conforme ao ideal Franciscano,

Ordem Terceira de Faria — Tambem se realizou aqui a reunião mensal dos Terceiros no dia 8 do preterito mês de julho. Informam nos de que entraram 8 pessoas e professaram 3. A assistencia era, entre homens e mulheres, de 300 pessoas.

Depois das costumadas funções do culto o Rev. Director fez uma pratica aos Terceiros falando acêrca dos *defeitos da fé*, cingindo-se na quelle dia á *Incredulidade*. O orador tratou desta incredulidade pedante, vulgar e banal que habita nas cidades e nas villas e que vai já fazendo os seus estragos pelas povoações e aldeias. Definiu-a singelamente deste modo: *profissão de não crêr na religião.*

Procurando depois as causas deste mal universal apontou a ignorancia e as paixões — derivando desta ultima o orgulho, a libertinagem, o luxo e o desenfreado amor do prazer.

Como já apontara em praticas precedentes, para que a nossa fé seja racional e por tanto para crêr, precisamos provas. Que será preciso para não crêr? Provas tambem. Eis o que se não faz e ordinariamente para se ser incredulo basta uma grande ignorancia e uma regular e sufficiente pertinacia e teimosía. A ignorancia que condiciona a immoralidade nos incultos, causa tambem a incredulidade dos meio-cultos que por ahi campeia. Ignora-se a religião, desconhece-se a teologia. Em compensação brindam nos com sarcarmos, com invectivas e conjecturas. Foram sempre as mesmas. E' a unica tradicção que depõe em seu favor: a grande tradicção da copia! Os incredulos ao tratarem de religião copiam-se, não estudam.

Para esta incredulidade da... moda que vive nas cidades e na opulencia, ha ainda a acrescentar uma outra causa: as paixões.

O dinheiro, o luxo e o prazer causam remorsos, espicaçam a consciencia — mas a consciencia religiosa. O melhor meio de destruir aquelles remorsos é aniquilar esta consciencia. Muito bem. Mas para a anniquilar é necessario acabar com a religião. E acaba se com ella fechando os olhos á fé, fazendo-se incrédulos.

A incredulidade funda-se portanto no interesse, mas no interesse do vicio, do mal.

Ao contrario: em que se baseia a fé? No interesse? Sim. No interesse da virtude e do bem e conseguintemente do seu premio.

Além disso a paz social e a liberdade exigem esta crença e esta religião Os proprios incredulos, que se acostumaram a encarar a religião como um freio, entendem que só o povo precisa de ser religioso e de ter fé. E nisto mostram uma petulante ignorancia. A religião é algo mais, essencialmente muito mais que um freio, porque é um acto de justiça da creatura para o Creador, do homem para com Deus.

E' uma necessidade impreterivel da sociedade — pelos seus effeitos morais, politicos e sociais. A quem deve a Europa a civilização senão á Religião Christã?

Ora se a religião é tão essencialmente necessaria que chega a formar, a edificar e civilizar a sociedade, necessariamente a incredulidade deve destruir e descivilizar a mesma sociedade. Os effeitos da incredulidade o attestam. E' uma pura questão historica.

Sendo o Terceiro Franciscano um Christão fervoroso, devemos concluir que elle sempre e em toda a parte deve dar um exemplo unico de fé pratica, de crença religiosa arreigadissima, raciocinada, illustrada, perante a boçal frieza do incredulo ignorante que se manifesta immovel para tudo o que seja fazer bem, porque foi a crença que gerou os antigos e modernos estabelecimentos que ahi se vêm levantados em toda a parte para consolação e conservação da humanidade — nossa irmã.

Em Setubal — Em junho do corrente anno foi o Rev. Padre Maciel visitar o Circulo Catholico de Operarios de Setubal. Depois de um caloroso discurso em que o eloquente orador falou da acção social pelos Circulos Catholicos, de modo a captar-se as sympathias de toda assembleia que ella soube traduzir n'uma calorosa salva de palmas, ergueu-se o rev.º padre Fernandes de Castro, digno parocho em Salvaterra de Magos. Porque o seu discurso eloquente é uma corroboração de tudo quanto aqui temos dito acêrca da Ordem Terceira vamos transcrever, com a devida venia, um resumo que d'elle nos dava o nosso collega «A Democracia Christã». Eil o:

«Seria forçoso acceder á vossa chamada, diz elle, se eu não tivesse formado tenção de dizervos alguma cousa. Sente o coração jubiloso por achar-se n'aquelle recinto, onde a mesma crença irmana condições sociaes tão diversas, e desejaria que elle podesse abranger, n'aquelle momento milhares de individuos como esses audictorios enormes a que fallava o thaumaturgo Antonio de Lisboa.

Vê entre a ornamentação das paredes de aquella sala pequenos disticos que recordam villas e cidades do nosso querido Portugal. O que significa isso? Simplesmente o espirito de fraternidade christã, que une n'um amplexo tantas aggremiações congeneres espalhadas por esse paiz.

Falla com enthusiasmo de S. Francisco de Assis, que fez na idade media uma verdadeira revolução no mundo moral. Sabe como dos seus claustros sae esse espirito de caridade e santa alegria; não esquecerá a confiança que Leão XIII depositava na Ordem Terceira Franciscana para a renovação da sociedade.

Crê que esse espirito christãmente democratico de S. Francisco e S. Antonio de Lisboa, copiado na sociedade contemporanea, hão de salval-a evitando que se despenhe na anarchia.

O Padre Castro foi delirantemente applaudido no final do seu discurso, de que o nosso pequeno resumo não é mais do que uma tenue sombra.»

Diz muito bem o Rev.º Fernandes de Castro: «o espirito christãmente democratico de S. Francisco e S. Antonio de Lisboa, copiado na sociedade contemporanea, hão de salval-a evitando que se despenhe na anarchia». E esse espirito só pela Ordem Terceira pode alcançar-se. Já apontamos a affirmação do illustre articulista Bonghi: «não se fez uma reforma, não se creou uma instituição popular cuja ideia principal não tenha sido pedido a S. Francisco.»

Uma entrevista — O Rev.º Ministro Geral dos Franciscanos acompanhado do secretario das Missões Franciscanas foi visitar o Vice-rei Tuang-Tong, chefe da embaixada da China. Este recebeu-os com amabilidade, e, valendo-se d'um interprete, conversou com elles acerca das Missões catholicas. O alto funccionario do Celeste Imperio é um talento superior; e apesar de não ser christão, reconhece o muito que os Missionarios Franciscanos fazem na sua patria. Por sua parte os Missionarios têm sabido captar a estima dos chinezes a ponto de serem nomeados Mandarins, entre os quaes Mons. Efrem Giesén, mandarim de 1.ª classe.

Na despedida do Rev.mo Padre Geral e de seu secretario o Vice-rei mostrou-se muito agradecido e propoz se pagar a visita no dia seguinte, o que effectivamente fez, indo visitar o Rev.mo Padre Geral ao Collegio de S. Antonio, onde falou com elle por largo tempo.

Que lição poderemos nós tirar d'esta entrevista ao parecer tão insignificante? Uma lição nobre, singularmente bella: a elevação do ideal de Francisco d'Assis, singelamente encantador, atraindo pela sua virtude um poder, ainda ha pouco sanguinario e cruel, hoje de braço dado com a doutrina de Jesus.

Propugnemos pelo ideal de Francisco que é o ideal de Christo!

Os Terceiros e o «Bill» de ensino na Inglaterra — A proposito do *bill* de ensino, que ocasionou na Inglaterra uma luta tremenda, a Revista *Franciscan Anals* lembra aos Terceiros o dever de tomarem parte em todo o movimento que tenda á consolidação e progresso da vida catholica. Insiste sobre tudo n'um ponto demasiadamente ignorado entre nós, isto é: que todo o Terceiro deve lutar não só individualmente, mas como corpo bem disciplinado e organisado.

A Ordem Terceira deve ser uma força social. Todos os Terceiros devem ocupar seus respectivos logares, como exercito bem disciplinado, em defeza da vida catholica. As Congregações Terceiras de cada parochia devem estar sempre, em tudo, ás ordens dos respectivos directores, dispostas a entrar em combate.

Franciscanos Missionarios — A estatistica das Missões em 1905 apresenta-nos o avultado numero de 98 religiosos franciscanos que nas diversas partes do mundo foram continuar a obra redemptora de Christo e Francisco d'Assis. Não ha pensamento mais sublime e que mais nobilite a actividade humana do que ir levar o pão do espirito a tantos famintos de luz e de verdade.

Garantir a tantos miseraveis a posse d'uma felicidade eterna é uma obra altamente religiosa e humanitaria. Pertencer ao numero d'esses heroes pela affinidade do coração é realmente digno e consolador. Sejamos tambem heroes, sejamos missionarios. Mas como? Sem deixar o lar, a familia e os campos que bebem o nosso suor, podemos ser ardentes missionarios pela oração e pela caridade, como Thereza de Jesus que, do canto d'uma cella deu a liberdade do coração a milhares de infelizes

Terceiros Franciscanos! orae e fazei o bem. Eis ahi a vossa missão.

O Pão de Santo Antonio

BRAGA

O desenvolvimento d'esta maravilhosa obra eminentemente social tem progredido muito em todo o nosso Portugal. Inda ha pouco como os nossos leitores podem vêr neste mesmo numero da nossa Revista, se fundou em Vimioso, diocese de Bragança, um novo centro da Pia União e foi instituido o Pão de Santo Antonio, que, crêmos, ha de prosperar muito, porque tem á sua frente um Director zeloso, e ardente enthusiasta do Santo Taumathurgo. Pois apezar de tudo Braga continúa a sêr sempre o primeiro centro do Pão de Santo Antonio.

As esmolas que, a principio, de todo o Portugal vinham para o Pão dos pobres de Braga, são hoje devididas por todos os centros onde esta piedosa instituição se fundou; e contudo os cofres d'esta cidade continúam a acusar quasi sempre as mesmas

quantias o que demonstra, que, quanto mais a obra se multiplica, tanto mais a piedade e fé dos fieis devotos do grande Santo português cresce, e este mais favôres espalha. E' uma consolação para os socorridos do Santo, e para todos os que se dedicam á propaganda das obras antonianas.

O rendimento dos cofres foi, durante o mês de junho, de **156:020 reis,** distribuidos do seguinte modo:

Papel	22$500
Prata graúda	66$000
« meuda e nikel	30$900
Ouro	2$300
Moedas de 20 reis	25$020
» » 10 «	8$000
» » 5 »	1$300
Somma	156$020

Petições	25
Graças	4
Requerimentos	1

Agradecimentos

Querido Santo Antonio — Muito reconhecidas vos agradecemos, e em nome de nossos irmãos a grande graça que nos acabaes de conceder, e vos pedimos que despacheis as outras graças, e nos continueis a proteger, que nós vos promettemos sermos sempre reconhecidas. Já foi lançada na caixa a esmola que vos promettemos para os vossos pobresinhos.

— Manuel José Ferreira Torres (Gualtar) offereceu ao milagroso Santo Antonio 1$000 por beneficios recebidos.

— Meu glorioso Santo Antonio. — Agradeço-vos o favor que me fizestes ; em agradecimento deposito na vossa caixa uma nota de cinco mil reis. — *Vossa devota.*

— *Dr. F. Souza Gomes* manda 500 reis aos pobres de Santo Antonio, pedindo aos Terceiros que o recommendem aos pobresinhos orem por sua intenção.

— Milagroso Santo Antonio : remetto-vos a esmola de 500 reis para o Pão dos vossos pobresinhos pelo beneficio que me concedestes. Seja tudo para gloria do vosso nome.

S. Paio 6 de Junho de 1906.

Desde o dia 23 de maio até 11 de Junho recebemos nesta Administração e levamos a seu destino, de :

Apolinario Moraes	400
Anna S. d'Albergaria A.	500
Um anonymo	500
Silvia Cardoso	1$000
Carlos G. Spicnol	1$600
Estefania	50
Boaventura da C. C. Junior	125
Faria de M. Santos	2$500
Milomena B. e Cunha	4$650
Maria R.	500
A. A. D. de Lima	1$000
José F. A.	1$000
Recebido de Lisboa	220
Maria R.	500
João Cordeiro	700
Maria dos Prazeres Salazar	600
Anna Maria Henriques Leal	200

BARCELLOS

Neste Mês Santo Antonio mostrou-se muito generoso para com os seus pobresinhos d'esta villa concedendo-lhes muito dinheiro para Pão. Sim, foi muito, comparado com os outros mêses; tambem era o mês do grande Santo, e tinha sido muito festejado por este bom povo; não admira pois que Santo Antonio pagasse em graças e Pão, o que elles lhe tinham dado em orações e devoção.

A abertura dos cofres effectuou-se no proprio dia da festa de Santo Antonio, encontrando-se :

Esmolas no cofre	26$485
Donativo do insigne bemfeitor dos pobres de Santo Antonio Ex.mo Snr. Paulo Felixberto Peixoto da Fonseca (Rio de Janeiro)	10$000
Total	36$485

A distribuição fez se no dia 14 pelas 8 horas da manhã havendo missa resada no altar do Santo, finda a qual se procedeu á benção de 224 borôas, que em seguida foram distribuidas.

No cofre das petições, foram encontradas 10.

Ao nosso amigo o Rev. P. Cunha a alma de todo o movimento antoniano em Barcellos, os nossos parabens.

VIMIOSO

Com toda a solemnidade começou no dia 1 de junho a trezena ao Glorioso Santo Antonio como preparação para a festividade principal que teve logar no dia 13 do mesmo mez havendo no dia 10 a *festa dos pastores* que annualmente se celebra n'esta villa Este anno constou de missa cantada, procissão pelas ruas principaes da villa havendo no fim da procissão as costumadas *lôas* cantadas por pessoas escolhidas, offerecendo a Santo Antonio cordeiros, cera e outros objectos.

E' costume n'esta festa haver a dansa dos *paulitos* para estes tirarem pelos moradores a esmola annual para o culto do Santo Antonio ; rendimentos estes de que a junta dispõe para o culto do Santo.

Por iniciativa do Rev. Parocho este anno Santo Antonio estriou um lindo resplendor de prata e outro o Menino Jesus e bem assim quatro formosas açucenas ás esquinas do andor e uma bella toalha no seu altar.

No dia 13 pelas 6 horas da manhã na igreja matriz ao lado do S. Coração de Jesus, onde está no seu nicho Santo Antonio, collocou-se um lindo cofre mandado fazer á sua custa pelo Rev. Padre José Augusto Dias, actual parocho da ref-e rida freguezia, terra da sua naturalidade.

Comtêm o cofre tres compartimentos : um para as petições outro para as esmolas em dinhei-

ro e outro para as esmolas em grão. Este cofre é fechado com tres chaves; na parte de cima está o diploma da Pia União onde pousa uma fita vinda da mão do Glorioso Santo, tendo na extremidade uma medalha para os devotos de Santo Antonio beijarem. Neste dia o cofre estava patente, contendo no interior sessenta bolos do pezo de cinco kilos, esmola de quatro pessôas bemfazejas, que auxiliaram o Rev. Director para se inaugurar o Pão dos Pobres de Santo Antonio, ficando de o coadjuvar emquanto podessem com egual quantia mensalmente.

Benzido o Pão, o Rev. Director começou a missa que foi cantada a vozes, distribuindo no fim por os sessenta pobres bem como por outras pessoas, o Pão Eucharistico, entoando se nesta solemnidade muitos canticos.

No fim o Rev.º Parocho subiu ao pulpito, e clara e singelamente expôs a grande numero de circunstantes, o que era o Pão e a Pia União de S. Antonio. Disse que estava satisfeito por ver realisados os seus desejos de erigir esta piedosa obra na sua terra natal, desejos que desde 1895 em que elle e sua familia se tinham alistado na Pia União, sempre alimentara; que esperava que dia a dia esta devoção se radicasse mais e mais no coração de todos, seguindo o exemplo d'aquellas quatro pessoas, que tão generosamente tinham concorrido para se dar começo a tão piedosa instituição; que esta festa devia ficar gravada no coração de todos, principalmente dos pobres contemplados; sendo esta a primeira festa desta natureza, que se celebrava na diocese de Bragança, confiava que S. Antonio por quem trabalhava, o não deixaria ficar mal, enchendo-lhe de novo os cofres, já vazios.

Em seguida organisou-se uma linda procissão sendo levado pelos pobres o andor do Santo, ladeado por os mais, uns cegos e outros coxos, entoando alternadamente com o mais povo canticos. Recolhida a procissão o Rev.º Parocho distribuiu por os contemplados os bolos de pão, os que beijavam com os olhos cheios de lagrimas osculando em seguida a medalha. Recolhida a procissão foi dada a benção com o Santissimo Sacramento, findando tão solemnes festas, que deixaram gratas recordações a todos os que a ellas assistiram, e pezar aos que não puderam em virtude das suas muitas occupações na época presente.

O Rev.º Director convocou vinte e cinco pessoas da sua freguezia das mais dignas, para que lhe dessem os esclarecimentos precisos por quem deviam ser distribuidas as esmolas, tendo logar a magna reunião do dia 29, festa de S. Pedro, pelas 6 horas da tarde na sacristia da igreja matriz, resolvendo assim grandes difficuldades que o Rev.º Parocho tinha e que sempre apparecem em occasiões taes.

Aberto o cofre encontrou-se a contar do dia 13 o seguinte: centeio, cinco alqueires menos um quarto, de desesseis litros e oito decilitros cada alqueire; em dinheiro: prata, 1$900 réis; nikel, 550; cobre, 1$065; esmola dada para começo da obra 5$040; producto dos farellos ou ralão, 1$600; mais esmolas entregues, 690 réis.

Calculando o preço do pão a 320 réis o alqueire faz 1$520. Dinheiro que pertencia á padaria e que deu de esmola 360 réis, faz tudo rèis 12$725.

No compartimento das petições encontraram dez. Fechado o cofre entregou as chaves a dois membros da muito digna commissão, cabendo por sorte no corrente anno ao snr. Antonio Moraes, digno tabellião e ao snr. João Gonçalves, lavrador, ficando a primeira chave em poder do Rev.º Parocho.

Contemplaram se da primeira vez 60 pobres, da 2.ª 40; fez-se a despeza de 10$000 réis, ficando um saldo para o mez d'agosto 2$125 reis.

No dia 3 de julho, 1.ª terça feira do mês, houve missa, communhão aos contemplados, coroinha canticos e distribuição do pão aos 40 pobres. Até á presente data inscreveu-se muita gente na Pia União esperando que nos mêses que se seguem haja muitas mais inscripções.

As missas durante um anno são celebradas gratuitamente pelo Reverendo Director, a familia d'este de bom grado offerece tudo que seja preciso para a confeção do pão, o mesmo offerecem algumas padeiras.

Não deve ficar no esquecimento o despacho que o Exc.mo Snr. Bispo da Diocese deu ao officio do Rev.º Parocho pedindo-lhe abençoasse a Santa obra e auctorisação para ser eregida. O despacho dizia: *Como pede e muito louvamos.* O Glorioso Santo Antonio ouça as petições de todos os que o invocam e dê o premio e a recompensa áquelle que é e será o motor d'esta Santa obra e que continue tão florescente como no seu principio.

Vimioso, 7 — 7 — 1906.

FAMALICÃO

As festas realisadas em honra de Santo Antonio n'esta villa, atraíram um grande numero de forasteiros e por isso o rendimento dos cofres de Santo Antonio foi grande. Houve porém que pagar todas as despezas da festa, o que deu em resultado ser applicada para o Pão dos pobres a insignificante quantia de 1$770 réis. Esperamos que no presente mês os pobresinhos terão alguma coisa mais. Santo Antonio não pode ganhar só para os outros, precisa tambem de tirar de vez em quando alguma quantia para o seu culto.

LAMEGO

No dia 13 de junho celebrou-se com toda a solemnidade nesta cidade a festa ao grande Taumaturgo português, constando de missa solemne, e communhão geral. Instituiu-se nesse dia a Juventude Antoniana, um dos melhores meios de preservação das creanças, que nós desejamos vêr tão augmentada como o Pão de S. Antonio e a Pia União. No mesmo dia foram contemplados com o pão de Santo Antonio 85 pobresinhos.

Durante um anno que esta instituição tem de vida, os seus fructos têm sido de bençãos para os pobresinhos; distribuindo se 975 borôas de trigo de segunda qualidade, de 100 réis cada uma. Alguns mêses a digna Commissão teve que luctar com graves difficuldades, não esmoreceu porém, distribuindo sempre as 50 borôas mensaes. Hoje o futuro d'esta obra está garantido,

devido ao Ex.mo Rev.mo Prelado, que a tomou sob a sua protecção. Oxalá que os Lamecenses, que teem fortuna, se resolvam tambem a concorrer para tão piedosa instituição, movidos por tão nobre exemplo.

DIVERSAS PARTES

Antonio Augusto de Sousa Vasconcellos envia 2$400 reis, por varias graças recebidas.

—*Meu glorioso Santinho* — Agradeço vos todos os beneficios que de vós tenho recebido. Peço-vos que continueis a socorrer-me e áquella pessoa que tão afflicta se vê, por causa dos seus inimigos. Envio-vos 500 réis para o pão dos vossos pobresinhos. Vossa devota — *M. R.*

— *Meu glorioso S. Antonio* — De todo o coração vos agradeço a graça que me alcançastes de Deus Nosso Senhor de permittirdes que me apparecessem os brincos que tinha perdido, e em cumprimento da promessa, que vos fiz, publico esta graça e envio-vos a esmolinha de 600 réis para os vossos pobresinhos. — Uma vossa serva e devota Ir. *P. V. S. Ir. C.*

— *Meu querido S. Antonio.* — Envio-vos 200 réis para os vossos pobresinhos de Braga, que prometti, se melhorasse da grande enfermidade que soffri durante 5 mezes; o medico e todas as pessoas que me viam diziam que eu morria, mas lembrei-me de pedir ás almas que entercedessem por mim a S. Antonio que mandaria publicar a graça na «Voz» e que a pequena esmola seria para os pobres d'ahi. Agradeço-vos, meu querido Santo, e protegei-me em tudo que seja da vossa vontade. — Torres Vedras—*Anna Maria H. Leal.*

OS NOSSOS DEFUNTOS

Pie Jesu Domine.
Dona eis requiem Amen.

Viscondessa da Gramosa — Causou impressão profunda a todos os que a conheciam, a noticia do fallecimento desta illustre Senhora.

A Viscondessa da Gramosa era o typo d'essas titulares antigas, que á nobreza sabiam aliar a piedade, á grandeza e fidalguia a modestia, a caridade e a delicadeza para com todos. Não sabia desdenhar o pobre, nem adular o rico, conservando sempre um aprumo que a fazia distinguir das fidalgas da moda, que tudo, o que não são ellas, lhes parece nullo. Por isso era venerada em Braga e quem a primeira vez fallava com ella ficava captivo das suas prendas não podendo deixar de sempre a estimar.

A Viscondessa da Gramosa contava 60 annos de edade. Havia já muito tempo que soffria da doença que a victimou, declarando-se a sua gravidade em janeiro do anno corrente, tendo de submetter-se a uma operação melindrosa, que não teve outro resultado, mais do que dar a conhecer melhor a molestia: um sarcoma.

Durante o tempo que esteve doente, apezar das dôres horriveis que padecia, a sua resignação foi sempre a mais completa; gemia, mas nunca ninguem lhe ouviu uma palavra de desespêro. Até quasi ao ultimo momento, nunca se persuadiu que a sua hora estava tão proxima, todavia recebeu a Extrema-Unção com toda a boa vontade e muito compenetrada do que fazia. Tinha commungado na vespera.

VISCONDESSA DA GRAMOSA

A sua morte foi a d'um justo. Que Nosso Senhor lhe leve em conta das suas faltas o muito que soffreu.

A todos os nossos leitores pedimos uma prece por alma da illustre finada.

— *João Botelho Moniz* — Correspondente da «Voz de S. Antonio» em Ponta Delgada, Açores. Era um fervoroso Terceiro de S. Francisco e grande devoto de S. Antonio e das almas do Purgatorio. Em quanto pôde trabalhou muito por S. Antonio que de certo não terá deixado de o recompensar. Era irmão do Rev.º Padre Antonio do Presepio a quem enviamos as nossas condolencias. Aos nossos leitores uma prece pelo saudoso extincto.

— Manuel Luiz Carreira.
—D. Maria dos Milagres
—D Maria da Conceição Azevedo
Eram todos assignantes da «Voz».

R. I. P.

Secção scientifico-litteraria

Notas de critica litteraria

I

(Continuado do numero 18)

Goethe e o pantheismo aryano

O processo por que o *pensamento-sentimento* toma um relevo definido numa civilização, numa litteratura, pode denominar-se, e com mais propriedade que de simples analogia, uma corrente que, amparando-se no seu proprio esforço por falta de um leito solido sobre que desdobre onda a onda o seu vulto incerto e fluctuante, vae definindo numa ascensão suspensa a sua verdadeira essencia, todo movimento e aspiração.

Estas palavras a muitos parecerão uma delambida e pretenciosa nephelibatice.

Entretanto é esta a linguagem da psychologia. Não obstante a velha questão da ou não identidade das faculdades da alma, ou os dados da physiologia contemporanea acêrca da sua topographia nas diversas regiões do encephalo, concorda-se unanimemente que sentimento e pensamento são aspectos dum facto unico — a vida *humana* tomada como sujeito na psychologia da litteratura, da litteratura de Goethe sobretudo, onde sentimento e razão se refundem evidentemente nesta coisa unica: — a aspiração por comprehender o universo numa elaboração synthetica.

Num formalismo abstracto esta synthese pode considerar-se meramente racional, como pode ser, por exemplo, um systema que apenas subsista na historia da philosophia: concreta a um *eu* actual e vivo, é o *sentimento-pensamento* que, pela magia da expressão poetica, pela evocação dum mundo ideal que o espirito do homem apenas fixa num vago de entresonho, mas a que invencivelmente aspira, vem despertar em nós uma funda emoção requintadamente lyrica, porque vibrada no mais fundo e mysterioso da alma. Esta synthese viva é um estado de sentimento ao qual as ideas se subordinam como raizes que mergulham no Infinito procurando-lhes a seiva no profundo da verdade immarcessivel.

Desde Leibnitz para cá, vem accentuando mais e mais a insistencia do pensamento philosophico, em revelar ao universo os seus elementos constituitivos, affrontando-os para a sua ultima reductibilidade. Em philosophia, a these da centricidade atomica da escola de Descartes está definitivamente abalada.

No estado actual da philosophia das sciencias, admitte-se geralmente que as *resistencias*, de cuja co existencia resultam os phenomenos da extensão, são posteriores — e subsistindo por ella — a uma realidade ulterior pela qual ellas são actualizadas. E' verdade que os maiores representantes deste pensar — quasi todos, no momento corrente, obedecendo a preconcepções de positivismo — tem deixado essa ordem da natureza, essencialmente transcendente a rasa materialidade, num vago de pensamento indefinido. Anteveem-na todavia, a começar pelo proprio Comte, os maiores representantes da psychologia contemporanea.

Parecerá que estes considerandos nada têem que vêr com o estudo que empreendi. Mas elles veem no proposito de fixar por aqui a significação da actividade intima *pensamento-sentimento*, cujo corpo de expressão constitue a litteratura, na indole da que me occupo.

Admittir que a extensão, em ultima analyse, é essencialmente posterior a uma realidade que transcende o espaço, e que pela actividade dessa realidade é que se actualizam os phenomenos da *resistencia* é admittir tambem que o *sentimento-pensamento* fica numa intimidade recondita, no seio duma realidade transcendente ao mechanismo da physiologia, não obstante tomar corpo ahi, pelo qual se pode chamar *sentimento-pensamento* organizado.

Assim, devido ás condições materializadas do mesmo espirito, toda a communicação direta objectiva-subjectiva está dependente do mechanismo physiologico, ficando os termos em que se fixa a actividade cognoscitiva materializados tambem em formas de espaço, graças ao processo mechanico pelo qual as *resistencias* objectivas chocam contra as subjectivas e, conduzindo-se a impressão através as papilas nervosas que reticulam os musculos, se vão

fixar nas cellulas nervosas centraes, armazenando-se ahi.

E' associando em diversos totaes e differentes direcções as parcellas de impressões recolhidas e condensadas na massa das cellulas nervosas, que nós temos os elementos materiaes para multilocar o pensamento no espaço subjectivo, tomando como elementares para esta extensão abstracta um *quantum* de extensão, porventura geometricamente correspondente, de alguma maneira, ao diametro da cellula nervosa ou neurone.

Por aqui se poderia julgar quanto seria erroneo considerar o *pensamento-sentimento* individual como uma coisa absolutamente espontanea, duma originalidade toda imprevista, sem dependencia de antecedentes nem concatenação mais ou menos subordinada a uma serie.

Consideramos o sentir e o pensar immanentes ao seu princípio que transcende o mechanismo physiologico: entretanto o seu exercicio e desenvolvimento está sujeito a materializações indeclinaveis; não só porque as impressões correspondentes ás *resistencias* objectivas são para a razão-sentimento o alimento que lhe fornece diretamente a biologia, mas ainda porque a mesma capacidade receptiva do instrumento nervoso está intimamente ligado ás condições morphologicas e craneometricas de raça, pelas quaes se consubstancia num povo, numa civilização um dado sentir e determinado ideal, transmittindo-se, por disposições encephalicas peculiares, de gerações em gerações, como se fosse um pensamento congenito, — facto que tanto desconcertou muitos bons philosophos, levando-os a admittir as ideias innatas.

Alem disto, o mesmo sentir e pensar o mundo supra-sensivel está dependente desta materialização; porquanto só podemos sentil-o e pensal-o no que delle se projecta sobre os elementos sensiveis, os quaes é preciso coordenar para que nos dêem delle uma vaga e confusa symbolização.

Desta maneira, para que o *sentimento-pensamento* attinja um sufficiente relevo artistico neste sentido, não basta a actividade dum individuo. E' necessario, não só a acumulação da experiencia collectiva, para lançar, sobre um campo sufficientemente vasto, as perspectivas da abstracção, cuja alteza depende muito da vastidão complexa da experiencia, mas mais se requer a educação pela existencia duma actividade tradicional no mesmo sentido de ideação, sendo esta menos indispensavel que a accumulação experimental, de que não um genio, mas só o milagre do genio pederia prescindir.

Não me parece desarazoada a hypothese de Max Müller de que se ao homem, no estado de taboa rasa, se lhe objectivasse a subitas o universo, elle sentiria, nesse mesmo instante, a presença do infinito confusa numa percepção «henotheistica,» ou a celebre expressão de Renan — que o sentimento religioso é tão espontaneo ao homem como ao passaro o fabricar o ninho; ha porém a notar que outra coisa é, e mais ardua, consolidar esse sentimento num edificio de pensamento coordenado numa symbolização reflectida.

E' nestas alturas que a proposito do «Fausto» julgo oportunas algumas palavras sobre o pantheismo aryano.

Porque, realmente, parece-me que é o pantheismo o sonho em que vem immerso o pensamento dos povos aryanos. E' uma visão de espirito vaga e confusa, como que alheando-se das formas exteriores por um esquecimento abstracto premeditado, absorvendo-se num fundo remoto de nebulosa originaria, onde o facho da razão propriamente dita esmorece, parecendo mesmo de todo extinguir-se por falta de elementos exteriores, mas vivendo sempre como um fogo tenacissimo, crepitando numa actividade secreta, sem chama, incoërcivel, immortal, nutrindo-se quasi exclusivamente da admiravel vitalidade da raça melhor organizada e mais bem dotada do nosso globo, procurando fixar-se no indefinido, sempre alvoroçada de esperança, sempre no augusto e sublime presentimento da Verdade.

Este presentimento ou estado de espirito mergulhado na sombra do templo da Verdade, illusionado com um ou outro vago reflexo dos resplendores da fachada longinqua, é o traço fundamental do pensamento dos aryos, é o sulco mais profundo da vasta ideação indo-europeia. Esta funda aspiração repassa o corpo das theogonias e cosmogonias indianas, transcende sobre as nevoas colossaes da sua poesia assombrosa, gigantescamente phantastica, mas intensamente e profundamente creadora.

E' por aqui ainda que se espiritualiza o harmonioso naturalismo hellenico do periodo presocratico, e, não obstante a introducção dos elementos de origem chamitica semithica e eronica durante a vasta assimilação dos periodos seguintes, no platonismo salvou-se ainda a immanencia aryana.

A immanencia é, atravez do ingente e multiforme labôr da mentalidade aryana, o traço mais persistente e constante durante toda a historia da nossa civilização.

Entre pantheismo e theismo ha apenas uma questão de precisar peor ou melhor o objecto, criticamente, differença esta principalmente no diverso modo de coordenar depois o systema das deducções logicas, que a visão fundamentalmente é a mesma.

Na philosophia theistica a innocencia é objectiva: no pantheismo, se se considera subjectiva, é que muito facil é confundir o exemplificado com o exemplar, o symbolo com o symbolizado. O que resalta sempre e em toda a parte do pensamento aryano é um traço energico onde se reflecte um movimento de espirito para a affirmação duma realidade ulterior e transcendente á fugitiva e incerta phenomenalidade.

Goethe, pela immensa vastidão do seu genio, não obstante ter visionado o grande pensamento da nossa civilização pelo seu lado mais rasteiro ou pantheistico, é o poeta essencialmente aryano, e porisso mesmo essencialmente universal.

Nestes versos da introducção do *Fausto* ha uma evocação incomparavel a todo o espirito indo-europeu:

«Resurgi outra vez, vagas figuras,
vacillantes imagens, que á turbada
vista accudieis d'antes. E hei-de agora
retêr-vos firme? Sinto eu ainda
o coração propenso a illusões d'essas?
E apertais tanto!... Pois embora! seja:
dominae, já que em nevoa e vapor leve
em tôrno a mim surgis. Sinto o meu seio
juvenilmente trépido agitar-se
co'a maga exhalação que vos circunda.
Trazeis-me a imagem de ditosos dias,
e d'ahi se ergue muita sombra amada:
como um velho cantar meio esquecido,
vêm os primeiros simplices amores
e a amizade com elles. Reverdece
a magoa, lamentando o errado curso
dos labyrintos da perdida vida;
e me está nomeando os que trahidos
em horas bellas por fallaz ventura
antes de mim na estrada se sumiram.» (1)

(1) Traducção de Garrett.

O que dá um valor extraordinario á poesia de Goethe, alem da sua poderosa philosophia creada na sua arte, é ainda o seu maravilhoso dynamismo da natureza, expresso no mais vibrante psycho-morphismo de concepção, cuja amostra:

«Cuido que já'stamos no paiz fantástico
de encantos e sonhos.
Avante, bom guia! Transpõe estes páramos.
vazios, tristonhos,
Como umas traz outras nos fogem as arvores,
recurvas, ligeiras!
E os sêrros baixando-se! E os roncos e os sibilos
das rôtas pedreiras que vão a arquejar!

Que palram as aguas? que diz toda a harmonica
loquaz natureza?
Serão ternas máguas, queixumes, ou canticos?
é gozo? é tristeza?
de dias celestes celestes memorias?
amor? esperança?
recordos confusos de gostos preteritos?
vão echo? ou lembrança de lenda a passar?» (1)

A arte de Goethe é a synthese mais vasta do pensamento humano que jamais alguem deu em litteratura. Os seus versos são verdadeiros resplendores de transcendente poesia coroando, completando a expressão da sciencia moderna. Pena é que este genio assombroso tenha apparecido num momento da historia da philosophia de dispersão sceptica, que o contaminou bastante de predilecções pelos aspectos inferiores do pensamento aryano.

(Continúa).

ALVES CORREIA.

(1) Traducção de Castilho.

A Esperança

I

Não é só uma virtude.
E' tambem grata illusão.
Ainda que a vida mude.
quem não lhe vota affeição?
— Grata virtude, Esperança,
de amar-te ninguem se cança!

Quando a mais cruel tormenta
o marinheiro afrontou,
quando em vão salvar-se tenta,
e o Céu mais negro fitou.
por notavel maravilha
no Céu uma estrella brilha.

Essa estrella é a ***Esperança,***
que, na tristeza, lhe diz :
«Em breve terás bonança
e um tempo bem mais feliz.»
— E, já nas vascas da morte,
ainda a estrella é seu norte ! —

II

Da vida na tempestade,
no soffrimento, na dor,
da sorte na crueldade,
nunca se murcha esta flôr.
E' sempre a flôr mais querida,
que podemos ter na vida !

E muitas flôres mimosas
tem os campos e jardins.
Tem muitos cravos e rosas,
assucenas e jasmins.
— Mas nenhuma ahi brotára,
que esperança se chamára ! —

Só nasce no humano peito,
mas não se deixa colhêr.
Com ella o mais grato effeito
na mente podemos ter.
Se o seu perfume aspiramos,
de um novo prazer gosamos.

E, como occulta nascera,
sempre occulta vegetou.
E só de todo a perdera
quem da vida não cuidou.
— Esta flôr com attractivos
os corações traz captivos. —

E vive constantemente
por bem notavel condão.
E não vegeta sómente
n'um sensivel coração.
— N'um peito, onde haja rudeza,
tambem não perde a belleza ! —

Ainda é grata virtude,
quando o tempo já murchou
as rosas da juventude
e da campa nos fallou.
— E, da vida já cançado,
de amal-a quem tem deixado ? —

III

Como donzella formosa,
sempre a vemos figurar,
e a sua fronte mimosa
revê no espelho do mar.
— Tem ***na ancora*** *a firmeza ;*
no sorriso, a singeleza ! —

Tem verde o seu longo manto ;
e o seu vestido tambem,
mostrando assim mais encanto,
sem flôr mostrar a ninguem,
por que tem a flôr no peito
por um bem intimo effeito.

Tem aureas tranças caidas ;
nos olhos, celeste côr,
das almas enternecidas
prisões do mais casto amor.
— E, para o Céu apontando,
do Céu nos está fallando ! —

Filha do Céu ! ***A Esperança***
melhor póde vir do Céu.
Só ella nos dá bonança
apoz medonho escarceu.
E por isso tem na frente
estrella pura e luzente !

Podem nuvens do desgosto
aquella estrella occultar.
Mas, se fogem, no seu rosto
mais a estrella ha de brilhar.
Mais depois anima os peitos,
que ao desgosto estão sujeitos.

IV

Irmãs de ideal belleza
no Céu te deu o Senhor.
— A Fé nos lembra a firmeza.
Diz ***a Caridade :*** *amor ! —*
Entre ellas, tu, ***Esperança,***
sempre fallas de bonança.

Sempre tem ***Fé,*** *quem* ***espera***
lá no Céu o premio ter
do martyrio, que podéra
por Deus na terra soffrer.
Quem exerce a Caridade
espera *na Eternidade.*

Esperança, *irmãs formosas*
tens na mais grata união.
Sois do Céu flôres mimosas,
que nunca se murcharão.
— No meio d'ellas, brilhando,
mais do Céu estás fallando ! —

Um amor puro e sincero
sempre te quiz dedicar.
Esperança, *tambem quero*
tuas irmãs abraçar.
*— **Fé, Caridade, Esperança,***
formaes celeste aliança ! —

(Aveiro)

RANGEL DE QUADROS.

IDEAL

A sombra de Deus
fluctua no universo.

I

Prehistoria

No sol da Idea ebina, no infinito
Rebrilhou um fulgor — deslumbramento ! —
E nessa hora longinqua, a esse momento
Perdido para nós no incircumscrito,

Projectou Deus de seu vulto bemdito
Sombra no espaço inane : — pensamento
Incerto e como em vago esquecimento
De abraçar um objecto ou já sem fito

Ficara alli immovel e passiva...
Colheu Deus numa ruga pensativa
Da fronte aquella sombra que o fulgir

Da eterna Luz tirou de sua Essencia,
Ficando-se a scismar a eterna Sciencia
— Com o grande phantasma do Porvir!...

II

Historia

Saiu dalli, caminhando vagamente
Espaço alem, em grande sonho immerso,
O colossal phantasma do Universo,
Abrindo os braços num anceio ingente!

E quando o mundo emfim ficou disperso
Em astros, sobre o alto clarão fulgente
Ergueu-se dominando-os o imminente
Phantasma, agora ao Futuro inverso:

— De expressão espectral e merencoria,
Involto num lençol de luar gelado...
E' o tragico espectro do Passado,

E' o phantasma lugubre da Historia...
— Crear é simplesmente transferir
P'ra o Passado o phantasma do Porvir!...

ALVES CORREIA.

BIBLIOGRAPHIA

El sacrificio en el dogma catolico y en la Vida Cristiana por J. M. Buathier Canónico Honorario de Belley.

E' um dos poucos livros francezes cujo titulo corresponde ao assumpto da obra, ou melhor, cujo assumpto corresponde ao titulo não nos obrigando a chamar mentiroso ao auctor como tantas vezes acontece a quem lê obras francezas.

O auctor baseia todo o dogma catholico no sacrificio; segundo este a religião catolica é a divinização do sacrificio, não intende a religião catolica quem desconhece a cruz. A vida pratica christã, não é mais que a pratica continua do sacrificio.

Na primeira parte desenvolve os assumptos: idéa geral do sacrificio, o sacrificio antes e depois do peccado, o sacrificio da cruz, o Calvario e a Cruz, o sacrificio eucaristico: *memoria renovação e applicação* do sacrificio da cruz, o sacrificio e o ceu, o sacrificio e o S. Coração de Jesus, o sacrificio e Maria Santissima.

Na segunda parte demonstra a impossibilidade de praticar as principaes virtudes christãs sem o espirito de sacrificio. A fé, a esperança, o amor são pelo dizer assim, variantes, novas fases da pratica do sacrificio. Completa esta segunda parte com: o sacrificio e os sentidos, o sacrificio e a morte, o sacrificio e a familia, o sacrificio e a sociedade, o sacrificio e a felicidade. Em apendice trata ainda os assumptos: o sacrificio e o bello — formosura de Deus, Jesus Christo, formosura da Virgem. O volume tem 442 paginas que deviam ser meditadas não só pelos fieis christãos da vizinha Hespanha mas pelos nossos portuguezes e portuguezas piedosos e piedosas.

E' um livro que podia substituir essas dezenas de devocionarios que se vão todos em aspirações vaporosas, e uma especie de botica calmante portatil — que não dão vigor, instrucção, e solidez á intelligencia para que esta possa depois guiar o coração.

Pedidos á casa editora Gustavo Gili. — Barcelona Calle Universidad 45, Hespanha.

Caminho da Perfeição, por Santa Thereza de Jesus.

Para encomio d'esta obra basta o nome da sua autôra, a mystica doutora Santa Thereza. Escripto para as religiosas do Carmelo, que Santa Thereza amava com ternura de mãe, n'elle abre o seu coração, ensinando-lhes os caminhos mais reconditos da virtude e perfeição christã.

A simplicidade que Santa Thereza punha em todas as suas obras, parece que faz realçar mais o Caminho da Perfeição, que ainda que dedicado ás religiosas, é contudo utilissimo a todas as pessoas que se dedicam á piedade, porque lhes aplana o caminho da virtude, fazendo-lhes facil, o que a muitas pessoas parece impraticavel.

Ao Snr. Aloysio Gomes da Silva enviamos os nossos parabens pelo bello livrinho com que acaba de brindar o publico, e agradecemos a offerta d'um exemplar.

Del Govierno de las Communidades Religiosas escripto por el R. P. Benito Valuy, de la Compañia de Jesús, traducción del R. P. Dionisio Fierro Gasca, Escolapio. Um magnifico volume de 506 paginas em 4.° maior. Em brochura, ptas. 6. Encadernado em tela inglesa, ptas. 8.

E' uma obra por muitos titulos recommendavel: ordenada, instructiva, amêna e repleta de principios, normas, avisos e conselhos salutares, cuja observancia fará dos institutos religiosos *um verdadeiro paraiso*, e dos seus Directores *verdadeiros páis*, cheios de sabedoria e discrição, de justiça e caridade, de prudencia e conselho, de suavidade e affabilidade, de firmeza e gravidade, de solicitude e vigilancia, de fôrça moral.

Não ha qualidade, requisito, virtude, difficuldade, perigo, dever, ditame prelaticio, governativo, que ali não seja exposto com toda a clareza e suavidade.

Esta obra, indispensavel a todos os superiôres e superiôras d'Institutos religiosos no desempenho santissimo e espinhosissimo do seu munus, é igualmente proveitosa, em parte, aos subditos, aos que têem voto na eleição de superiôres, aos párocos e confessores, aos directores e superiores de Seminarios e collegios, n'uma palavra — a toda a auctoridade que deseje ser util a si mesma e aos que Deus lhe commetteu.

Entre dos Españas por Miguel S. Oliveira. (Chronicas y articulos).

E' este o titulo d'um não mui volumoso livro com que o Editor Gustavo Gili nos acaba de brindar.

Para o publico geral da nossa Nação, pouca importancia tem o livro; para aquelles porem que se interessam pelo movimento civilizador da Peninsula, para aquelles, a quem o *iberismo* é uma questão a resolver, tem aquella mão cheia de artigos, escriptos num estilo vivaz e luminoso, especial interesse.

Entre dos Españas como adverte o proprio auctor é como se dissessemos «entre dois momentos da historia de Hispanha, entre dois espiritos ibéricos, entre duas civilizações» uma mais nova chronologicamente — porque ha inda bem poucos annos relativamente — mas já caduca e inservivel por isótica e mal enxertada na outra, se bem que realmente mais antiga, a propria a nacional e portanto a unica que poderá subsistir.

Esta tem sido representada no seu maximo de vitalidade por Catalunha e *Catalanismo* e em segundo logar pelas Provincias Vascongadas; e a segunda por Madrid e por todas as cidades e povoações que deixando o seu *tom* carateristico tanto podem pertencer á H'spanha como a qualquer nação europeia.

Da mesma livraria recebemos e agradecemos:

La Sagrada Familia ou *El mês de Enero distribuido en tres novenas... á Jesus Maria y José.*

O Evangelho, *explicado, defendido, meditado ou exposição exegetica, apologetica e homiletica da Vida de N. S. Jesus-Christo,* pelo Padre Dehaut.

Recebemos o fasciculo 26.º d'esta importante obra, cuidadosamente traduzida pelo rev.º snr. padre Antonio Gomes Pereira, dig.mo professor do Lyceu Central do Porto.

O presente fasciculo entra já na V. Secção da obra, em que o erudito auctor se occupa de Jesus desde o *Thabor até ao Calvario;* começando o primeiro capitulo pela *Gloria do Filho de Deus manifestada no Thabor;* o segundo commentando a *Cura miraculosa d'um epileptico;* e o seguinte expõe e commenta a *Instrucção de Jesus a seus Apostolos* antes de deixar Capharnaúm, em que lhes realçou bem o caracter do *reino dos Céos.*

Assigna-se no escriptorio do editor Antonio Dourado, rua das Flores, 42-1.º — Porto. — Preço de cada fasciculo 100 reis.

El clero, la agricultura y la cuestion social, por *Pedro Ricaldone.*

Cartilla agraria, por *D. J. M. Priego y Saramillo.*

Guia *para elevar las tierras a gran fertelidad y conservalas en ella,* por *D. J. Bousignori.* — BIBLIOTHECA AGRARIA SOLARIANA — SEVILHA.

Entre as muitas publicações agronomicas desta afamada empreza, destaca-se d'uma maneira especial a primeira das que apresentamos. Depois de analisar o aspecto aterrador da quadra que vamos atravessando, aponta as causas da grande crise economica e social que está preoccupando seriamente a todo o espirito reflectido, as quaes não são outras que o abandono em que se encontram a agricultura e os campos.

Effectivamente dos campos nascem as cidades, e estas não podem subsistir sem aquelles, e que valem suas industrias, seus progressos sem os productos agricolas, sem o pão?

E qual a origem da grande miseria que em toda a parte se vai sentindo da falta de pão?

A cultura expoliadora que em toda a parte se usa, tirando todos os annos á terra a maior somma de productos sem jamais a reconstituir pela restituição daquelles que mais falta lhe fazem, é a causa mais forte d'um pauperismo sempre crescente. Por outra parte temos o exodo dos campos para as cidades, augmentando aqui as bocas e roubando áquelles os braços que são os unicos meios de producção.

Eis as duas causas principaes da crise economico-social apontados pelo auctor de «*El clero, la agricultura y la cuestion social*». Rechaça em seguida a lei fatalista de Malthus bem como as nefastas theorias e exageros de Ricardo e de seus sequazes. Depois faz a mais enthusiasta apologia do systema de Solari que consiste em restituir gratuitamente á terra os elementos que lhe faltam para a boa producção, e apresenta os meios mais singellos e efficazes para regenerar a agricultura e restituir aos campos sua primitiva fertilidade.

E' um livro digno de ser lido por todos os que se interessam pelo bem da humanidade, pela regeneração da agricultura e sobretudo pela solução da tão decantada questão economico-social. No desenvolvimento de suas theorias e applicação de seus principios está com certeza a solução dessa crise medonha que ameaça de ruina e morte a toda a sociedade. Não queremos exagerar os males que assoberbam a humanidade, nem deixar-nos arrastar por utopias arrojadas e sublimes, mas não podemos deixar de reconhecer que a salvação dessa grande catastrophe que nos ameaça, está nos campos, para onde nos devemos voltar, bem embuidos nos principios que aí se proclamam.

As duas outras obras são a aplicação dos mesmos principios.

Recommendamos aos nossos leitores sobretudo a primeira destas obras que custa apenas 2 pesetas.

Penhoradissimos agradecemos a offerta que se dignaram enviar-nos.

O Collegio de Santa Quiteria de Felgueiras na inauguração do Monumento em

honra da Virgem Maria Immaculada da Medalha Milagrosa.

E' um bello numero commemorativo da inauguração do monumento levantado á Immaculada em Felgueiras. Impresso em optimo papel, profusamente illustrado, traz optimos artigos e poesias, todos repassados de sentimento, amor e devoção para com a Santissima Virgem. Bem hajam os directores e alumnos do Collegio em assim ao passo que gravavam no marmore o monumento a Maria, perpetuarem tambem no papel a sua dedicação á Santissima Virgem.

Agradecemos os exemplares offerecidos.

Chronica universal

PORTUGAL

PARECE que tudo se vae encaminhando para uma grande e subita transformação da capital portuguêsa. Lisboa já é grande, mas tambem parece que lhe chegou agora uma veleidadesinha de parecer maior do que é. Diz um jornal de Lisboa: «se a densidade da população de seus novos bairros correspondesse á dos antigos, Lisboa seria uma das principaes cidades do mundo, rivalisando com Londres, Paris, Berlim e New York» Inda assim para que a Avenida da Liberdade chegue ao Lumiar, tem de se empertigar um poucochinho, pôr-se em bicos de pés, muito esticadinha, muito, muito. Agora se o caes de Lisboa fosse a pedrinha do Atlantico, onde o commercio quizesse firmar o seu grande pé molhado, ao vir despejar na Europa o fardo das mercadorias da America do sul, — isso então é que havia de crescer a olhos vistos, não só a capital, mas tambem o capital português.

E graças á incomparavel posição geographica da nossa primeira cidade, graças á benemerita sociedade de Propaganda de Portugal, as coisas vão tomando bom rumo.

E ha lá nada mais justo que a Europa vá e venha dos novos mundos pelos mesmos caminhos que primeiro lhe ensinaram os gloriosos navegadores portuguêses! Sim, está-nos muito bem gritar aos senhores embarcadiços que pretendem ir, ou voltar ali para a outra ou da outra margem do Atlantico: = Senhores passageiros, fazem favor, vão e voltem por aqui, que é mais perto; até mais poetico mais heroico. E' como se andásse aí o gigante Adamastor, ondas pelo meio da perna, tomando-lhes a mala grande ao hombro, amparando a com o seu braço vigoroso, os senhores leva-os elle dentro de seu chapeu, abraçada a copa contra o peito, com tanto cuidado e geito, como se fossem ovos dentro do ninho.

Ultimamente tem se desenvolvido um grande entusiasmo em aformosear Lisboa, em ordem a torna-la attraente e simpatica em ordem a suas relações com os passageiros d'entre Europa e America. E um dos melhoramentos é sem duvida o Sud-America-Express que a benemerita Sociedade Propaganda de Portugal, obteve, para facilitar o transito dos passageiros que da America se destinam á Europa. E' verdade que é ainda o primeiro passo para sustentarmos o papel, a que a nossa posição geographica, nos dá direito, mas dado o primeiro, facil se nos torna caminharmos para a frente. Foi o que previu a Sociedade e por isso arrostou difficuldades de toda a especie principalmente por parte das companhias que exigiam uma indemnisação pelo trafego dos comboios pelas suas linhas; porem as difficuldades foram vencidas e eis o Sud-America Express todas as quintas feiras encurtando a distancia que ha entre Lisboa e Paris, transportando os passageiros que a Companhia Hamburguesa lança na nossa capital.

Não podemos deixar de estampar aqui os nomes dos tres benemeritos a quem Portugal deve principalmente este grande melhoramento, que lhe trará muitos bens economicos, são elles: José Fernando de Sousa (Nemo) presidente da Sociedade Propaganda de Portugal e secretario do Conselho de Administração dos caminhos de ferro do Estado, Antonio d'Oliveira Bello, vice presidente da mesma Sociedade e o snr. André Leproux, distincto engenheiro francês, director da Companhia Real.

Dêmos agora uma revira-volta e voltemo nos para a politica portuguêsa, politica de má morte que estraga tudo o que os amigos da patria fazem em seu proveito. Surge-nos logo deante de nós a conferencia realisada no Porto pelo snr. Presidente do Conselho. Quem diz que foi um triumfo, quem que foi uma calamidade. O que todos sabem é que é um facto unico na historia do constitucionalismo ir um presidente do conselho explicar e fazer alarde do seu programma e pedir auxilio eleitoral isto é fazer-se galopim como qualquer outro. O programma já era conhecido, e verdade, verdadinha tem pontos que não nos desagradam, assim como não nos causou má impressão a sua conferencia.

Quem se morde de raiva são os irmãosinhos da *viuva* por o Senhor João Franco pronunciar o nome de Deus e implorar o seu auxilio, em vez de chamar pelo grande Architecto e pedir ao diabo que os não... desampare. São gostos de que Deus (lá vae esta palavra sem medo de excommunhão) nos livre e aos nossos leitores.

Os Nacionalistas é que vão aproveitando o seu tempo. Os centros multiplicam-se, e os homens sérios, vão-se desligando dos outros partidos, para virem assentar praça nos arraiaes do Nacionalismo. Inda ha pouco a reunião effectuada em Leiria demonstrou que este partido, ha pouco creança ainda, vae crescendo e tornando-se forte e vigoroso. Depois d'esta reunião que mesmo os jornaes desaffectos ao nacionalismo, adjectivaram de *imponente*, tem-se creado circulos nas terras mais importantes d'este districto; esperando-se em breve a formação d'outros que darão ao partido uma grande força eleitoral, se souber aproveitar bem os elementos de que dispõe.

Se a reunião de Leiria foi imponente a do Porto foi imponentissima. O Snr. Conselheiro José Fernando de Souza pronunciou um bello discurso, que lhe mereceu continuos elogios da numerosa assembleia, principalmente quando se referiu á questão politica, affirmando que é preciso

que os nacionalistas sejam os melhores cidadãos do país. Este discurso, que foi quasi um improviso, é uma prova contendente das convicções catholicas do Snr. Conselheiro J. Fernando de Souza.

O Snr. Conselheiro Jacintho Candido, que se lhe seguiu no uso da palavra, proferiu uma bella oração, continuamente interrompida por estrondosos applousos. Acentuou mais uma vez o impersonalismo do partido nacionalista. Refutou a falsa noção de liberdade, assentando em que consiste, e proclama que o nacionalismo tem no seu programma a verdadeira liberdade. Sentimos não nos podermos referir mais largamente a esta reunião. Talvez o façamos no numero seguinte.

UMA PRAIA

Os republicanos celebraram o seu Congresso no Porto. Segundo os jornaes republicanos, foi imponentissimo tanto pelo numero e qualidade dos representantes do partido, como pela elevação da doutrina discutida (o programma republicano) como pelas conclusões praticas que se tiraram Como o congresso era secreto, e nós não temos communicação com os habitantes do Averno, não podemos dar a nossa opinião. O que transpirou cá fóra foi uma moção do dr. Eduardo de Abreu, que pedia se notificasse ás potencias que não acceitassem qualquer contracto financeiro assignado pelo actual ministro da fazenda, austriaco, naturalizado português, moção que lhe valeu uma forte tunda dos jornaes monarchicos e independentes. Parece que os senhores do Congresso perderam o seu rico tempo, que podiam ter empregado melhor applicando *maçagens* e *sangrias* aos cidadãos retrogrados ao movimento republicano.

Evidentemente a Companhia dos tabacos não anda com sorte. Inda ha pouco, por causa do contracto, os phosphoros lhe iam chegando fogo, se não são os jurisconsultos, e vae agora encendeiase o edificio em que a companhia tinha installado as suas fabricas, ardendo tudo com grande pena da Companhia — que aliás se desforrará — e dos fumadores, que já presentem 50 p. c. de elevação no preço e outros 50 p. c. de desconto na quantidade e qualidade dos tabacos. Ao menos os fumadores de Lisboa n'esse dia poderam, sem pagar, respirar fumo de charuto fino a plenos pulmões. Que inveja lhe teriam os de longe, que apenas fumam *pandilhas* de papel que pagam a 2 reis cada um! Mas, a sério, o incendio foi pavoroso, e a companhia soffreu grandes perdas.

E' sina, ao menos assim parece, arderem todos os conventos, porque Xabregas, onde se manipulava o tabaco português, foi convento de franciscanos. Se não fosse não sei porquê, diria que o fogo faz a obra de Deus, lambendo quaisquer vestigios que inda houvessem, do antigo culto. Ao menos obriga os homens a levantarem edificios novos, que condigam com a nossa civilização e progresso.

Está proximo o dia 19 d'agosto em que o paiz vae usar do direito soberano de dar novos legisladores ao povo, novos paes da patria que se sacrificarão, até á derramação do sangue, se tanto fôr preciso para o salvar. Abençoado país, que inda tem heroes, que não temem tudo *o que possa vir*, sem outros intuitos que os de levantarem a patria a que se orgulham de pertencer! E ha ainda quem diga que Portugal se vae despenhando para o abysmo! Ponham aqui os olhos e vejam e admirem o facho de amor patrio que arde nestes diamantinos corações! Mas será o país, que vae usar da sua soberania, escolhendo os seus representantes em côrtes, e irão estes sacrificar-se pela patria? E' o que muita gente boa põe em duvida. Nós cremo lo *sinceramente*, inda que não podemos comprehender como é que o país soberano dá sempre a maioria ao partido que está no poder. E' uma duvida que ha sempre no tempo das eleições, e a que ninguem sabe responder cabalmente. Pela nossa parte comparamos a soberania popular ao gira-sol, que segue sempre o astro rei até se esconder. O governo é o astro rei da soberania popular, que o segue sempre no seu curso, voltando lhe as costas logo que se esconde no ocaso da crise, para se voltar para o novo governo que sae radiante de esplendores e beneficios. Emquanto o governo puder prometter estradas, pontes, caminhos de ferro, pode estar certo que terá sempre a maioria de votos, e a nação representar-se ha sempre a seu favor. Não ha pois escandalisar se de que o governo escolha d'antemão os representantes da nação, muito a seu contento e do país, pois que a vontade d'este é a d'aquelle; e que os deputados se sacrifiquem

pelo país para acquiescerem á vontade do governo. Os jornaes opposicionistas é que começam a pôr-se levadinhos da bréca contra os escandalos do governo, que, com olhos enxutos, cortou parte dos vencimentos aos empregados publicos, para dispender agora pelos amigalhotes politicos, que hão de arranchar os votantes, os caceteiros etc., etc. Se é verdade o que se diz, melhor era deixar no tinteiro o decreto de 15 de junho, porque ao menos ficavamos livres de... bandos peccatorios.

Já chegou do estrangeiro o Snr. Hintze Ribeiro, que foi procurar alivio aos males que de ha muito o affligiam. Regressa bom felizmente, e alegra-nos, porque não gostamos de vêr soffrer ninguem. Só por isso, porque, de resto, d'elle temos a esperar tanto como dos outros politicos; pois não nos podemos esquecer que é a elle que devemos o miminho de 18 de abril de 1901.

São *presentes* que nunca esquecem.

ROMA. — A imprensa hostil ao Vaticano não cessa de attribuir ao Papa desejos de saír da sua solidão. Umas vezes dá no lo como doente fisica e moralmente, em virtude da sua forçada reclusão, outras apresenta nos o espectaculo do Pontifice, rodeado dos altos personagens da Igreja, a pedirem-lhe que não pactue com os seus inimigos, rompendo as suas cadeias. Estas e outras atoardas, bem dignas dos hipocritas.·. nem precisam de desmentido. A propria imprensa que as inventa, encarrega-se de destruir umas para dar logar a outras no dia seguinte com o mesmo fundamento. Quanto a terminar a prisão do Augusto Recluso do Vaticano, é um facto que virá quando a Providencia o julgar conveniente.

Até esse momento historico solemne, o Papa supportará resignado a sua Cruz e as suas cadeias.

— Está funccionando a Conferencia Internacional da Paz. O Vaticano não tem lá representante como o seu direito de potencia universalmente reconhecida exigia. Este afastamento sistematico e sectario tem, porém, recebido as suas compensações. Quantas vezes a Santa Sé tem valido mais do que a Conferencia Internacional com o apparato dos delegados das potencias? Ao passo que a celebre Conferencia da Paz tem sido pouco menos que esteril, o Sumo Pontifice é procurado com frequencia para arbitro nos litigios internacionais. Ainda agora o Peru e a Colombia, tendo resolvido por meio de um tratado submeter á arbitragem Pontificia todas as questões que de futuro surgissem entre as duas nações, pediram ao Papa que resolvesse, no seu alto criterio, o litigio que havia sobre o territorio do Patamaio. Um e outro governo occupára já esse territorio com as suas tropas. Estava iminente a guerra. A tudo, porém, obstou a sabedoria de Pio X resolvendo a questão a contento das partes contendoras.

— Entre as audiencias dadas durante o mês de junho no Vaticano, merece especial menção a que o Santo Padre deu ao Padre Dionisio Schuler, ministro geral dos franciscanos. Foi o epilogo de uma importante reforma, promovida por S. Santidade, para bem da Ordem de S. Francisco na Hispanha. A reunião das provincias hispanholas era de há muito desejada pelo Sumo Pontifice. Fôra determinada pelo *Motu proprio* de 29 de junho de 1904 e agora posta definitivamente em execução. O Padre Schuler, partira havia pouco para a peninsula, a fim de retomar, após quasi um seculo de intervallo, a suprema jurisdicção das provincias hispanholas.

Convocados os delegados de todas as provincias, o illustre ministro geral celebrou em Olite, da provincia de Navarra, o capitulo interprovincial para eleger o Vigario Geral e os seus conselheiros superiores. Esta disposição final do citado *Motu proprio* realizou-se com a maior solemnidade no dia 3 de junho passado. Os votos dessa assembléa unica nos fastos da Ordem em Hispanha, recairam no Padre João Pagazurtundua. A passagem do ministro geral pelas provincias hispanholas foi saudada com as maiores demonstrações de respeito quer das autoridades civis, quer do clero e do povo. No dia 7 de junho a rainha mãe fez-lhe o mais solemne acolhimento A notavel soberana manifestou-lhe o reconhecimento que de há muito a possuia para com a Ordem, pelos bellos serviços prestados ao povo e á nação, em Marrocos e nas Filipinas, pelos religiosos franciscanos.

No dia seguinte, a côrte recebeu o Padre Schuler com as maiores considerações de respeito. O rei e a rainha Victoria manifestaram-lhe quanto se julgavam felizes por verem pessoalmente nos seus estados, depois de tão longa ausencia, o successor de S. Francisco. Uma vez na presença dos soberanos, o ministro geral, confundido com a recepção que a Côrte lhe fizera, teve a gentileza de offerecer aos reis, como prova do seu reconhecimento e em nome dos franciscanos hispanhoes e da terra Santa, um bello e artistico grupo que representava os *Desposorios da Virgem*. Ambos os soberanos se mostraram muito reconhecidos pela valiosa recordação.

Na audiencia de S. Santidade, o Padre Schuler referiu a Pio X o optimo resultado dos seus trabalhos, apresentando-lhe o novo Vigario Geral de Hispanha e as homenagens dos Reis Catholicos. S. Santidade, visivelmente muito satisfeito, mostrou quanto lhe era grata a noticia do feliz exito da missão do Padre Schuler, e celebrou em frases calorosas o reflorescimento da Ordem em Hispanha.

ITALIA. — A laicização do ensino está sendo a mania dos Estados modernos. No parlamento italiano foi apresentado um projecto de lei neste sentido, emendando a legislação actual, que reconhece aos país, representados pelas assembleias concelhias, o seu direito sobre a liberdade do ensino e sobre a escola. As camaras rejeitaram o projecto por 218 votos contra 59.

— No dia 29 de junho foi approvada a proposta de lei da conversão da renda italiana de 5 p. c. Este negocio, que representa um facto excepcional na historia das finanças italianas, foi conduzido com a maior discripção e rapidez ao seu fim. Luzzatti antigo ministro do tesouro, há muito que trabalhava neste sentido. Conferenciára com os principaes elementos bancarios do seu país e do estrangeiro. Estudou o projecto em todas as particularidades ainda as mais insignificantes. Feito o estudo do projecto, Luzzatti entabolou negociações directas, que estavam muito adiantadas quando caiu o ministerio Sonnino. Subindo ao poder, Gioliti renovou todos os poderes ao negocia

dor. Este continua o seu trabalho e no dia 26 de junho fecha com a casa Rothschild o contrato provisorio. O habilissimo financeiro, tão bem soube dirigir a operação que nada transpirou deste negocio, até ser lido por elle, nas camaras, o respectivo relatorio. Essa leitura com a apresentação da proposta fez se no dia 29. N'esse mesmo dia a camara dos deputados approvava o contrato por 268 votos contra 11, e o Senado por 74 contra 3.

Quando é que já se deu facto similhante no parlamento português? Cá da-se exactamente o contrario. Quanto mais importantes para o desenvolvimento e progresso do pais, e quanto mais beneficas para o tesouro são as propostas de lei, mais entraves sofrem e mais tempo levam a approvar-se.

E a operação que acaba de se realizar em Italia é da maior importancia para a sua riqueza e prosperidade. Pelo novo contrato a Renda que era anteriormente de 5 p. c., vence agora, até 31 de dezembro o juro de 4 p. c. Em seguida vai-se dando uma reducção automatica do juro até 3 3/4 que passados 5 annos estará em 3 1/2. Esta ultima taxa fica depois desse prazo garantida até 1920. A Casa Rothschild queria 10 annos a 3 3/4, Luzzatti, porém, com a sua fina diplomacia e tacto financeiro, conseguiu que esse prazo ficasse em metade, descendo portanto a 5 annos!

Para que os que não são profissionaes nestas materias comprehendam o alcance enorme desta extraordinaria operação, vamos dizer, em termos simples e claros, qual o interesse do tesouro italiano com o novo contrato.

Pela conversão actual, o fundo, que vencia o juro de 5 % fica reduzido agora já durante os primeiros 5 annos a 3 3/4. Por esta fórma beneficiará o Estado durante esse curto prazo com 20 milhões de liras por anno. E descendo o juro, ao cabo desse tempo, a 3 1/2 o tesouro auferirá até 1920 o bonus de 40 milhões annuaes ou seja a bagatela de 7:200 contos ao par. E o mais notavel é que toda a conversão está já realisada por completo. Para nós é totalmente misterioso este facto, se o cotejarmos com os tratados similares portugueses. Lá, uma operação, muitas vezes mais difficil do que qualquer das nossas, faz-se em poucos dias, cá... temos a questiuncula dos tabacos... há perto de 3 annos!

FRANÇA. — Este, outr'ora grande país, está em verdadeira decadencia. A depopulação é assustadora. O funcionalismo desdenha o cumprimento dos seus deveres. O orçamento é uma gamela de verdadeiras sanguesugas. Intellectualmente, a grande republica sofre uma continua depressão. Moralmente, pode chamar-se-lhe o país da corrupção. Os seus melhores politicos pouco mais são do que uns aventureiros do sectarismo. A religião, que é uma das condições essenciaes da prosperidade de uma nação, está desmantelada. O exercito está abatido, por ver entrar novamente no seu gremio, esse judeu traidor, por vêr fazêr parte da legião de honra e pegar nessa gloriosa bandeira onde estão escritas as adoraveis palavras de **honra** e **patria** a esse Dreyfus, que dois tribunais superiores de guerra, apezar de terem o maior empenho em o salvar, coagidos pelo peso e evidencia de documentos esmagadores, não puderam deixar de condemnar como reu de lesa patria. Mas o oiro judeu vale mais do que a honra e a patria nos paises moribundos. Esse oiro, que forja documentos e compra consciencias, tambem redige uma sentença. Não o duvidamos. A absolvição do condenado da Ilha do Diabo foi a consequencia daquella triplice acção do oiro judaico e maçonico. Officiais franceses dos mais honrados que, desde o primeiro dia deste labirintico processo, tem presenciado os debates em todos os julgamentos, não duvidam escrevê-lo e affirmá-lo.

— Esta misera situação da França ainda ha pouco arrancou do peito do Soberano Pontifice estas tristissimas palavras, dirigidas aos peregrinos franceses entre suspiros e lagrimas: «Sim, eu choro frequentemente quando penso na França. Abato-me como um menino na presença do Senhor, e supplico-lhe que ponha fim a tantas desgraças e a essa perseguição, dirigida não só contra a Religião, mas contra as mais bellas virtudes!...»

— Poincaré, ministro da fazenda, acaba de apresentar ao parlamento o orçamento para 1907. Calcula as despesas do proximo anno economico em 4 biliões e 11 milhões de francos. Isto é, são nada menos do que 722:000 contos de réis. Neste total vão incluidos 243 milhões de despesas... já feitas. As despesas são superiores em 301 milhões relativamente ao anno de 1906. Para equilibrar as finanças, Poincaré acha só um meio: contrair um emprestimo de 244 milhões. Para amortizar este emprestimo, o homem agarra-se á pelle do pobre contribuinte e propõe-se esfolar vivos os seus patricios. Propõe, portanto, novos impostos que se resumem nisto:

1.° — Elevando a 30 % os direitos de successão em todos os gráus de parentesco, exceto apenas as heranças inferiores a 10:000 francos!

2.° — Sobretaxa para os absintos, vinhos de licôr, etc., e a taxa de 5 centesimos para cada garrafa de agua mineral.

3.° — Eleva a fr. 0,25 % os direitos de transmissão dos valores mobiliarios ao portador.

4.° — Repressão sobre o alcool.

Com estas e outras medidas, que são verdadeiros ferros em braza, o ministro diz que pouco se consegue ou nada para já. Lamentando-se de um desiquilibrio financeiro tão notavel, Poincaré, com a sua remodelação de impostos, não dá esperanças de salvar a situação. Queixa-se de encargos provenientes da marinha, do exercito e das reformas sociais.

E aqui está como os salvadores, que prometiam a felicidade do povo, agitando á sua vista o milhão que haviam de extrair da expulsão das congregações, em logar de lhe darem a prosperidade prometida, têm o descaramento de lhe exigir a verba de 29 milhões com o augmento do imposto sobre as heranças e 170 milhões mediante a remodelação dos impostos fiscais. Pobre França! Quem dirá, que um país assim não está a offerecer, espontaneamente, os pulsos aos ferros dos inimigos e do estrangeiro?

HISPANHA. — Aqui os partidos ora se guerream ora se unem amigavelmente. Sente-se o sobresalto permanente pelo dia de ámanhan. Os governos succedem-se. A colligação liberal ataca os conservadores, mas está em vesperas de não

ter mais homens para formar ministerios novos, todos periclitantes. O novo ministerio liberal de Lopes Domingues vive de receios. Não durará mais do que os antecedentes. Maura deve estar em preparativos de presidente do conselho...

INGLATERRA. — A Conferencia Internacional da paz acaba de reunir-se novamente neste país. Não podemos deixar passar desappercebido um facto para nós muito honroso que nella se deu. O nosso delegado foi nomeado vice-presidente da Conferencia por todos os delegados das potencias unanimemente. A nossa antiga alliada, que propôs esta nomeação, praticou para com Portugal mais uma prova de leal camaradagem. Foi votado na Conferencia o progressivo desarmamento das nações. E' um voto já repetido outras vezes Oxalá que elle tivese execução mais cedo ou mais tarde. Não esqueçamos, porém, que não estamos no Eden. As paixões que originam a guerra, fazem parte da natureza do homem. E' claro que para extinguir a sêde da guerra era preciso que a sua causa, as paixões, tambem podessem ser desarmadas e aniquiladas pela resolução official da Conferencia. Infelizmente o *fomes peccati*, deixem passar, — parece que está cada vez mais forte e melhor armado para o que der e vier. E assim a Historia terá de lamentar que a Conferencia nunca attingiu o fim para que foi creada. E' que o homem satisfaz-se por vezes só com palavras bem soantes.

— O parlamento rejeitou o *Education bill*, que teve as honras de uma apaixonada discussão por parte dos representantes do país. Por esse projecto de lei as crianças apenas tinham que demorar-se na escola o tempo indispensavel para o ensino das disciplinas que não tocassem na religião. A instrucção religiosa era banida por absoluta dos estabelecimentos de ensino. Era nada mais que a approvação official do sistema da instrucção laica. Mas as nações protestantes conservam ainda o são criterio, que se ausentou do cerebro da Filha Primogenita da Igreja...

O povo inglês organizou uma forte campanha de opposição, em que os catholicos, com os bispos á frente, tiveram uma parte primacial, e o *Education bill* caiu no limbo das excentricidades e das coisas vãs...

NORUEGA. — A 22 de junho celebrou se na cathedral de Troudhjem a solemne coroação dos soberanos. Os bispos da igreja nacional, tendo á frente os prelados de Troudhjem, Christiania, e Bergen receberam-nos á porta da Cathedral com toda a solemnidade do estilo. Depois da profissão de fé e do *Te-Deum*, procedeu-se á uncção sagrada dos reis e á entrega das respectivas insignias; sendo tudo acompanhado das preces do ritual e dos hymnos proprios do grande dia. Um manifesto do governo assegurava nesses dias, ao povo, a existencia das melhores relações com a Suecia e com os outros estados. Prometia, além d'isso, a diminuição dos impostos e melhoramentos varios das condições do operariado.

RUSSIA. — A Duma approvou no dia 2 de julho a abolição da pena de morte, contra o parecer do ministro da justiça Chteglovitoff, que a reclamava ao menos para a repressão da anarquia e dos crimes contra a segurança nacional. Preparava-se tambem uma reforma agraria, e muitos outros projectos de lei, mas nada se pôde levar a effeito. As tumultuosas sessões deram logar a avisos ministeriais, que terminaram por um decreto do Czar dissolvendo a Duma. Este decreto aconselhado ao imperador por quem ainda conserva arreigada affeição ao antigo absolutismo, deu logar ao *manifesto de Viborg*. Neste manifesto a Duma justificava-se da sua attitude e insurgia se contra a violencia dos defensores do velho estado de coisas. Fez-se do manifesto uma propaganda rapida, consideravel e geral por todo o imperio.

Agora que, em virtude das ultimas medidas tomadas, o povo e os partidos julgam perdidas as esperanças que os mantinham na sua expectativa mais ou menos benevolente, não vendo donde lhe possa vir o remedio á universal anarchia e á fome geral, os acontecimentos precipitam se de dia para dia. Os russos lançam-se nos braços da revolução, sequiosos de que irradie, por detrás do fumo do incendio, o dia da justiça. O exercito nega se a fusilar os seus irmãos A armada auxilia o movimento do povo e as tramas, nem sempre leais e patrioticas, dos politicos e dos pescadores das aguas turvas. O embate é cruel. O imperador mesmo já não está seguro, porque, até entre os cozinheiros e criados do palacio, se descobriu ha pouco o projecto de um attentado contra a sua vida. Todavia o Conselho do Imperio, varios principes e a antiga nobreza russa, bem como os primeiros dignitarios da igreja scismatica não abandonam as suas ideias, e aconselham o Czar a não consentir que se desenvolva a ideia de um estado de coisas, que é a ruina do despotismo, que tem envergonhado a Europa e a razão social até hoje. As nações estão de garras levantadas, contemplando, com um sorriso de satisfação diabolica e judaica, a destruição successiva do primeiro imperio que hoje ameaça as fronteiras dos estados que o rodeiam. Veremos em que ficam as ambições de fóra e a sêde em parte mal orientada de justiça social, que lá existe dentro. Oxalá que os interesses de uns e de outros venham a ter uma conciliação pacifica, sem que seja mister assistir aos horrores da maior das revoluções contemporaneas, que arrastará consigo a maior das guerras europeas.

CARTAS D'AFRICA

Uma excursão a Sofala

No intuito de dar um passeio recreativo aos alumnos da escola d'artes e officios da Beira, embarquei n'uma lancha, acompanhado por 17 rapazes munidos da respectiva charanga, seguindo caminho de Sofala. Levantamos ferro ás 7 horas da manhã. Impellidos pelo vento terreal, velejamos regularmente até ás 10 horas, com esperança de chegarmos, ao meio dia, a Sofala; porém, o vento que nestas alturas costuma ser traiçoeiro, desta vez abandonou-nos totalmente, formando-se uma calmaria fastidiosa que nos obrigou a estacionar, em pleno oceano, durante 4 horas, expostos aos raios faiscantes do sol e sujeitos ao mebalo tedioso das vagas.

E', sem duvida, o tempo mais aborrecido de uma viagem, principalmente quando se vae acompanhado de creanças sempre atreitas ao enjôo, como sucedeu aos nossos pequenos, que, após uma hora de navegação, todos jaziam prostrados no fundo da barca, não obstante os meus esforços em os animar a tocar musica para se distrairem.

Por volta das 2 horas da tarde, começou a soprar o vento sul, que é o dominante n'estas paragens e a breve trecho, a nossa barquinha singrava por esse mar fóra, com a rapidez do peixe voador, até alturas da antiga vila de Sofala, onde abordamos a terra, para visitar a celebre fortaleza, monumento patrio de ha 4 seculos, prestes a desapparecer completamente pela continua corrosão do mar e pelo abandono a que foi votado, depois que deixou de ser util como defesa, contra as correrias dos vatuas do Gungunhana.

Mais alguns annos ainda, e o forte de Sofala será um montão de ruinas ; não ficará pedra sobre pedra d'esse baluarte invencivel, d'essa preciosa reliquia das nossas conquistas. Ultimamente foi entregue pelo Governo á Companhia de Moçambique que vae reconstruir a torre de menagem, n'um local mais sólido, e tem recolhido para museu as coisas de maior valor, como eram as peças, as inscripções e as pedras que teem algum trabalho artistico. Querer reconstruir a fortaleza no mesmo local em que está, seria tentar o impossivel, porque o mar tem inundado tudo em volta da antiga construcção.

Realmente, faz pena ver aniquilar um dos mais celebres monumentos das nossas colonias, tanto pela grandeza da obra que comportava milhares de pessoas que alli se refugiavam, com seus gados, no tempo das guerras e era simultaneamente, igreja, caserna, escola e praça, como por ter mantido o dominio português nas terras d'Ophir, como lhes chamam os historiadores, atravez de 4 seculos. No local da antiga villa de Sofala apenas um obelisco de data recente e 2 palhotas de pretos. Nada mais resta d'esse emporio do commercio africano, cuja origem se perde na noite dos tempos. Para avaliarmos, d'alguma sorte, a epoca em que começaram as relações commerciaes entre a costa d'Africa e a Asia, vou citar algumas palavras do precioso opusculo do snr. Ayres d'Ornellas — *As raças e linguas indigenas em Moçambique.* — «Hoje é fóra de duvida, diz o citado escriptor, que esse Ophir onde as frotas de Salomão iam buscar oiro, era a parte sul da costa oriental de Africa, a região do monomatápa cujo porto era Sofala.»

Passemos adiante e vejamos o que é a villa nova de Sofala e o progresso que tem havido nos ultimos 10 annos.

Içamos a vela e entramos barra dentro, começando logo a divisar as gigantescas palmeiras que sombreiam as casas dando um realce pitoresco á nova povoação. Chegados ao commando fomos recebidos pelo snr. Lisboa, digno chefe e representante da Companhia de Moçambique, nas terras de Sofala. Sua Ex.ª foi d'uma amabilidade inexcedivel durante 8 dias que lá nos demoramos, fornecendo-nos casa, comida, e meios de transporte tanto a mim como aos pequenos que me acompanhavam.

A noticia da minha chegada transmittiu-se rapidamente por todas as povoações indigenas. A musica enthusiasmava muito os rapazes e era de grande admiração para os velhos. Parecia-lhes impossivel, que os filhos da terra fossem capazes de tocar outra coisa, que não fosse o batuque horrivelmente estrondoso. Por fim todos os rapazes queriam vir para a Beira aprender musica ; vieram sómente 5 por não haver logar para mais.

Durante a minha estada em Sofala baptisei 32 creanças, todas filhas de paes christãos e mais teria baptisado senão mostrasse difficuldade em admittir os filhos dos gentios que se apresentavam, não induzidos por motivo de religião, mas baseados na supposição de que, em sendo baptisados, ficam *musungos*, isto é — senhores brancos.

Em todo o territorio de Sofala ha mais de mil christãos que continuam a augmentar á sombra das palmeiras, sem terem quem lhes ensine que o trabalho nobilita o homem e a ociosidade é a origem de todos os vicios, sem terem quem os ensine a serem homens de bem, respeitadores da auctoridade e christãos fervorosos no cumprimento dos seus deveres. Encontram-se alguns que ainda sabem o catecismo, mas esses são poucos, a maioria não sabe fazer o signal da Cruz. Muitas vezes me perguntavam porque não havia padre em Sofala, a que eu respondia que, em breve, para lá iria um missionario fazer uma capella, ensinar e baptisar toda a gente.

Effectivamente baptisava sempre esperançado em que Deus mandaria um obreiro para esta vinha tão inculta e despresada. Em Sofala ha uma escola ensinada por um filho da terra, onde os rapazes só aprendem a ler, escrever e contar, o que é de grande adiantamento para a civilisação destes povos; mas a leitura só não basta para fazer de pretos selvagens, homens prestaveis á sociedade.

Depois do baptismo houve grande batuque dividido em duas turmas ; d'um lado os musungos os grandes da terra, que, em geral, são mestiços, em linha mais ou menos remota : d'outro lado os pretos ou cafres propriamente ditos.

Para o batuque dos musungos, prepara-se um barracão de toldos e vellas de barcos, atapetado de esteiras. A dança é muito monotona, arremeda, um pouco o fandango das nossas aldeias de Portugal. Ordinariamente dura toda a noite e algumas vezes 2 e 3 noites a seguir, sempre no mesmo tom, no meio de uma vozearia infernal, com muitos tregeitos, palmas e assobios, ao som estrondoso do batuque que consiste em um tronco de arvore furado, tendo nas extremidades duas pelles lizas á maneira de rufo. N'estas danças cafreais ha sempre um barril de aguardente ou um pote de pombe — cerveja de milho — . O batuque termina quase sempre com a bebedeira, o que foi motivo de que eu me demorasse mais 3 dias. Os marinheiros da nossa lancha tambem entraram no batuque e no dia seguinte, que era o aprazado para a partida, não havia quem os arrancasse das palhotas.

N'esta conjuntura preferi retardar a viagem a subjeitar-me ao perigo de servir de pasto aos peixes. Passei mais dois dias visitando as povoações circumvisinhas.

Na Villa de Sofala deve haver umas 15 casas, 4 de alvenaria e as outras de ferro zincado.

A povoação está muito bem arruada e dividida em pequenos quintais o que lhe dá um aspecto bonito. Por toda a parte se veem renques de coqueiros novos, ladeando as ruas sempre muito limpas. De noite é illuminada a petroleo.

A pequena distancia da povoação encontra-se a casa do snr. José Rosa, antigo capitão-mór, e actualmente Juiz territorial. O snr. José Rosa é o maior proprietario de Sofala, possue grandes palmeirais, uma boa manada de vacas e muito gado miudo. O terreno de Sofala é proprio para creação de gado de qualquer especie. Os coqueiros dam-se bem e crescem em pouco tempo. Quanto á agricultura deixa muito a desejar nos annos de sécas, porque sendo o terreno areoso não produz nada sem agua. O solo é plano e bastante infeccionado pelos pantanos, todavia a villa deve ser salubre porque é arejada pelo vento sul e fica distante dos pantanos. Todos os trabalhos iniciados tanto na villa como no mato, devem-se ao snr. Lisboa que ali reside ha perto de 10 annos, como empregado da Companhia de Moçambique. Deixo aqui exarado um voto de sincero agradecimento a Sua Ex.ª, pelo modo como nos tratou durante 8 dias, que na verdade, deviam ser muito maçadores para Sua Ex.ª, mas para os pequenos e para mim foram cheios de satisfação. Logo que apanhamos tempo bom e vento favoravel, regressamos á Beira, retomar os trabalhos das officinas e as lides missionarias.

Oxalá que esta pequena correspondencia vá despertar nos meus collegas de estudo, o desejo de vir ensinar esta pobre gente, que jaz nas trevas da ignorancia, sem ter quem lhes mostre o caminho, a luz, a verdade e a vida.

P. Camillo.

Beira. — Visita de George Panling á Escola d'Artes e Officios

A nossa Escola d'Artes e Officios teve ultimamente a honra de ser visitada novamente pelo illustre catholico inglez George Panling, acompanhado d'outros extrangeiros insignes.

A Direcção e pessoal da Escola, grata aos favores que já deve a tão benemerito visitante, procurou manifestar-lhe esse seu reconhecimento, recebendo-o em casa ao som festival da sua banda.

Um dos alumnos em nome de todos apresentou-lhe a expressão dos agradecidos sentimentos nas seguintes palavras:

«Já uma vez tivemos o prazer de neste logar apesentar a V. Exc.ª as Boas-vindas. Hoje mais do que nunca razão temos para repetirmos: «*Bem vindo seja quem nosso amigo é*». Do intimo dos nossos corações saudamos a V. Exc.ª.—Não é um simples dever que cumprimos, é um sentimento da nossa alma que sinceramente satisfazemos.— Gratos, Exc.mo Snr. somos, e nunca esqueceremos os favôres que esta Escola, ainda tão nova, já deve á generosidade de V. Exc.ª:— Por isso do fundo da nossa alma, mais uma vez Exc.mo Snr. os nossos sinceros e repetidos agradecimentos.»

Este breve discurso e sua respectiva traducção em inglez foi-lhe depois offerecida n'uma elegante pasta com o grupo do pessoal da Escola, a photographia do projecto da nova casa, já em construcção, e a seguinte dedicatoria impressa em lettras douradas:

To George Panling
As a token of everlasting gratitude.
The Pupils of the
Escola dtArtes e Officios
Beira 8 June 1906.

Tanto o illustre visitante, como as pessoas que o acompanharam ficaram encantadas pela maneira como foram recebidas e muito enthusiasmadas com o desenvolvimento e progresso que a nossa Escola tem feito em tão pouco tempo.

Durante a visita a banda executou alguns trechos do seu reportorio, que muito os maravilhou, pelos resultados colhidos em tão curto espaço.

George Panling não só teve palavras de sympathia e louvor pelos nossos trabalhos missionarios, como tambem procurou ajudar-nos com dadiva valiosa.

N. Senhor abençoe tão generoso coração.

No regresso da visita á nossa Escola passou tambem pelo collegio das Irmãs, ás quaes egualmente prodigalisou a benificencia da sua grande caridade.

George Panling é credor da eterna gratidão da nossa Escola.

Não haverá em Portugal quem nos ajude tambem a favor d'esta Escola!...

Padre Raphael M. d'Assumpção.

CARTA DE INHAMBANE

O meu silencio. — O Mez de Maria. — Trabalhos Missionarios. — Esperanças etc.

Meus caros amigos:

Eu sempre a fazer propositos de vos enviar amiudadas vezes cartas compridas como as leguas da Povoa, e sempre a cahir no mesmo peccado de reincidencia; sou um peccador impenitente; só a vossa nunca desmentida bondade me perdoará mais esta vez, não prommettendo mais ser pontual porque sei que falto á primeira.

Alguem me pergunta se a minha falta de saude tem sido a causa de me esquecer da «Voz» e dos amigos separados por milhares de leguas: Posso responder, que infelizmente este anno as febres não me largaram durante três mezes consecutivos; foi uma enchente de febres, pouco faltou para me reduzirem a uma mumia, que seria um grande achado para o Muzeu de Montariol.

Ellas lá foram depois de mil tentativas, de luctas d'uma centena de drogas e remedios; Deus as guarde lá para longe, porque tenho mais com que me entreter.

— Atacado por uma bilioza nos meados de abril, o R. Padre Serafim Pedreira, nosso condiscipulo, teve de baixar ao hospital de Inhambane, e foi quasi um milagre escapar, devido á febre

ser das taes valentonas que em 24 horas enviam o nosso cadaver para o «Campo dos goivos». Felizmente escapou e retirou aos lares patrios a recuperar o sangue depauperado por este maldito clima e pelo muito trabalho que teve n'esta Missão.

O Mez de Maria, que durante a estada aqui do Padre Serafim Pedreira era feito com toda a pompa possivel a uma Missão pobrissima como a nossa, este anno com a sua retirada não desmentiu os annos anteriores.

Como não ha ninguem actualmente que saiba acompanhar a harmonium os canticos á Rainha dos Anjos e outras musicas, armou-se uma orchestra com os elementos da banda, que com uma proficiencia admiravel, tem acompanhado os canticos e todas as outras devoções dos domingos. São bastante rudes os meus musicos, mas com uma paciencia heroica pouco a pouco lá vão fazendo progressos.

— Temos entre mãos milhares de trabalhos d'uma necessidade eminente; o peor é o dinheiro... que Deus toque os bons corações, para seguir o exemplo d'aquelles que com suas esmolas já nos tem soccorrido.

A essas almas generosas desça Deus com as suas bençãos e que mesmo n'este mundo recebam cento por um de tudo o que teem dado para esta Missão.

Esta Missão bem organizada póde salvar muitas almas, póde arrancar ao inferno pobres ignorantes, que nem sabem o seu destino sobre a terra; lembrae-vos pois da nossa Missão.

S. José do Mongué, 27 de Maio de 1906.

Padre Albberto Teixeira.

VARIA

As Ordens Religiosas na Alsacia-Lorena.— O assumpto parece estar na ordem do dia. Acaba de publicar-se um livro, que sendo de caracter enciclopédico, dizem ter todavia intuitos muito restritos e precisos. Parte desse livro, confessa o seu autor, foi importada da Suissa. Boa recommendação, sem dúvida alguma.

E' para lamentar, porém, que tal importação não fosse mais ampla e... mais lógica; por exemplo, que, assim como se trouce de lá a noção de liberdade, não se troucessem tambem as deduções e *aplicações praticas* da mesma liberdade. De verdade, muito haveria, que importar desse bello país, cuja organização social (economica, politica, religiosa etc.) não é menos admiravel que as diliciosas paisagens dos seus lagos, valles e montanhas. Haveria muito, haveria... mas a importação faz-se, é claro, segundo o gosto e *intuitos* do importador, e não segundo as riquezas e qualidades do mercado.

Sobre a epigrafe, que corôa estas linhas, eis tambem uma importação, uma noticia, vinda não da Suissa, mas de lá perto, da Alsacia Lorena — país, que tambem tem muito, que importar.

Para ignomia da França, os religiosos, seus filhos, expulsos brutalmente do territorio patrio, e que buscaram asilo, ali perto, ao outro lado da fronteira, na Alsacia-Lorena, territorio francês até á guerra franco prussiana de 1870, prosperam de dia para dia, ganhando progressiva importancia e consideração perante o povo e as autoridades, que não se amedrontam com essa *medonha* expansão, nem pensam em medidas repressivas. Inteiramente o contrario: Ha liberdade e ha até protecção.

São varias as congregações existentes no territorio, dedicando se a differentes misteres, segundo a indole do respectivo instituto, desde a prégação, catequese e assistencia aos enfermos etc, até ao ensino primario e superior e as escolas agricolas.

Os PP. do Espirito Santo e os franciscanos capuchinhos dirigem differentes escolas de ensino secundario, entre as quais são celebres as de Koenigs-traffen, e a de Saverna — vivo e continuo desmentido do calumnioso *Kulturkampf*. Exercem tambem estes religiosos o sagrado ministerio da prégação nas cidades e campos com exito filicissimo, que se atribue ao conhecimento profundo das massas populares, donde procedem na sua maior parte, e á sólida educação moderna que possuem.

Os Irmãos de Maria dedicam-se ao ensino primario, para o que possuem os titulos e díplomas exigidos pela lei; sendo admirados e queridos em toda a parte pela excellencia da sua organização docente, que lhes garante a primazia no magisterio. Não os intimida a competencia entre o ensino official, e o chamado ensino congreganista, que, em mais de um pais, e bastas vezes, tem sido pedra de escandalo e cavallo de batalha, porque na Alsacia são muitos os institutos officiais dirigidos por cabeças tonsuradas.

Os Redemptoristas, segundo o seu instituto, são infatigaveis na catequese e no culto. O seu zelo e caridade sem lemites tem lhes igualmente conquistado simpatias entre o povo.

Finalmente, os Trapenses, admiraveis por sua piedade profunda e sua vida austera e laboriosa, cultivam os campos, onde vulgarizam os métodos mais perfeitos, recommendados pela agricultura moderna. A sua cêrca de Olemberg é uma verdadeira granja — escola, organizada segundo os ultimos processos scientificos da agronomia por forma tal, que tem sido, por differentes occasiões elogiada pelo Ministerio da Agricultura da Alsacia, cuja sede é em Strasburgo.

Esta granja dos bons religiosos trapenses vem a ser para aquelle país um verdadeiro centro duma completa e sábia educação agricola, que deve comprehender o ensino dos melhores processos de cultura dos terrenos, e o conhecimento e pratica das instituições sociais agricolas de cooperação, crédito, previsão, mutualidade etc, que sejam ao mesmo tempo garantia para o lavrador e para a agricultura.

E' precisamente, aquelle ensino technico e perfeito e estas instituições sociais, bellamente organizadas, que se praticam na granja dos trapenses de Oelemberg e foi precisamente isto que o Ministerio Agricola elogiou em documento official.

Se fosse na França, ou em qualquer país filial da França, aquelle ensino agronomico e aquella organização social — agricola constituía certamente mal social e um perigo nacional.

Ideal maçonico. — Rasgadamente e sem rebuços a *Gazzetta Ticinesse* expõe esse ideal, nos seus elementos positivos e negativos, isto é, o que querem destruir e o que querem plantar os irm .·.

Querem destruir, ou não querem:

— «Nada de baptismos de creanças.

— «Nada de primeiras communhões.

— «Nada de casamentos religiosos.

— «Nada de Sacramentos aos moribundos.

— «Nada de escolas catholicas.

Parte positiva: «Queremos, — diz a mesma Gazzetta — substituir:

— «O Baptismo por uma ceremonia civil perante a respectiva auctoridade civil.

— «A primeira communhão pelos bailes de creanças de ambos os sexos.

— «O casamento religioso pelo amor livre.

— «Os sacramentos aos moribundos pela guarda maçonica dos *solidarios* em torno dos doentes.

— «Os funerais religiosos pela cremação.

— «As escolas catholicas pelas escolas neutras e mixtas, que preparem os jovens e donzellas para o futuro matrimonio (!), nas quais escolas se lhes ensine a rebelarem-se contra a estulticia do pudor ensinada pelos catholicos.»

Muito bem, assim é que é! Tudo bem claro, para que seja um facto a chamada liberdade de eleição. Effectivamente mais claro que isto só em França em presença dos factos, ou então... no Manual da Politica da Maçonaria Portuguêsa; — perdão! enganei por conexão de ideias, queria dizer... no «Manual Politico do Cidadão Portuguez».

Apesar porém de todas estas claridades, uma coisa ha aqui que eu não comprehendo. Não comprehendo, como é que, com um criterio extremadamente positivista, se possam combater os sacramentos. Effectivamente, sob esse ponto de vista, o que são elles? Meras cerimonias completamente inofensivas, tanto mais que em grande parte dos casos essas ceremonias nem sequer são comprehendidas pelo que recebe o sacramento, não podendo por conseguinte influir, como facto externo, na mente do individuo. Por exemplo, no baptismo, não raro, na primeira communhão, no matrimonio até, e frequentemente nos ultimos sacramentos ministrados aos moribundos. E' isto, a ceremonia externa, que a maçonaria combate? Evidentemente, não é. «Sabemos — affirmava ha bem pouco, num discurso, um mação graduado — sabemos onde estão as fontes de vida do catholicismo, por isso o nosso ataque será efficaz».

Quando a maçonaria ataca os sacramentos, dá-nos uma prova da sua efficacidade, valor e influencia na vida da Igreja, isto é, da sociedade christã.

A maçonaria crê, pois, mas para combater; muitos catholicos, crêem, mas para desprezar. E' menos nocivo aquelle combate, que este desprezo.

Aquelloutro expediente das escolas neutras (anti-religiosas) e mixtas, onde os jovens e donzellas aprendendo a rebelar-se contra a estulticia (sic) do pudor ensinado pelos catholicos, se preparem para o futuro matrimonio, é dum alcance prodigioso para o melhoramento das raças, sob o ponto de vista fisico e moral, e duma consonancia admiravel com as affirmações da fisiologia. E' talvez devido á pratica e adoção destes ensinamentos que em França, onde aquella rebelião contra o pudor christão, está assás vulgarizada, a população vai augmentando prodigiosamente, e a raça se vai melhorando, num sentido de prometter reproduzir o primitivo tipo simiano. E' tambem talvez pelo mesmo motivo, que dos alcances sáem as mães mais robustas, modelares e uteis á sociedade quanto á prolificação.

Villa Nova de Ourem — Exc.mo Snr. Manuel Podrigues Menino (Gondemaria).

Villa Real — Rev.mo Snr. P. Damião Martins (Collegio de N. Senhora do Rosario).

Villa Verde — Rev mo Snr. P. Manuel José de Macedo (Barbudo).

Em Bragança encarrega se de receber o importe das assignaturas a Exc.ma Snr.a D. Thereza Granja, e em Vallongo a Exc.ma Snr.a D. Anna Alves d'Oliveira Lima.

Açôres

Angra — Rev.mo Snr. Conego José de Medeiros Amaral (Seminario).

Ponta Delgada — Rev.mo Snr. P. João Fontes Ferraz

Horta — Exc.mo Snr. Antonio Carvalho Alua (Rua do Collegio, 21).

Ilha das Flôres — Exc.mo Snr. José Ignacio Figueiredo (Santa Cruz).

Ilha do Pico — Rev.mo Snr. Padre Oscar de Lacerda

Funchal — Exc.mo Snr. João Daniel Nunes Rezende (Bellas de S. Thiago 89),

India Portugueza — Rev.mo Snr. Padre Miguel Antonio Gracias (Seminario de Góa).

Brazil

Estado de S. Paulo — Rev.mo Snr. Padre Fr. Silverio de S. Bernardo (Convento de S. Francisco)

Estado de Ouro Preto — Rev.mo Snr. Padre Pedro de Arbuez Chagas da Conceição (Hospicio da Terra Santa).

Rio de Janeiro — Exc mo Snr. J. R. Sucena (Rua da Quitanda, 86 a 88).

Bahia — Rev.mo Snr. Padre Tolentino C. da Silva (Dig.mo Professor do Seminario da Bahia).

Estado de Minas Geraes — Rev.mo Snr. P. Antonio de Sousa Neves.

China — Exc.mo Snr. Hermenegildo A. Pereira (Shanghai).

Em Lisboa não temos correspondente, devendo por isso os nossos estimaveis assignantes enviar directamente a esta Administração a importancia das suas assignaturas, ou pagar quando lhes fôr apresentado o respectivo recibo pelo correio.

Para as localidades em que não temos correspondentes fazemos a cobrança pelo correio no proximo mês d'agosto e setembro, pedimos pois a todos os nossos subscriptores o obsequio de satisfazerem logo as suas assignaturas para nos evitarem maiores despezas.

Outrosim rogamos aos nossos sollicitos correspondentes o obsequio de nos avisarem logo que tenham feito a cobrança, e de nos enviarem qualquer quantia que tenham em seu poder; é um grande favor do que lhes ficaremos reconhecidos.

Almanach de S. Antonio

PARA 1907

(9.º Anno)

A' venda por todo o mês de agosto

Impressão esmeradissima, escolhida e numerosa illustração, collaboração litteraria, religiosa, recreativa humoristica e original de bons escriptores catholicos, muitas e moralizadoras caricaturas. Precisão e clareza na indicação do jejum e abstinencia, previlegios e graças da bulla da Santa Cruzada, profuso nas indicações proprias de um almanach, completo e claro nos trabalhos do campo proprios de cada mês o ALMANACH DE S. ANTONIO para 1907 satisfaz cabalmente aos mais exigentes leitores de almanachs.

Um tomo de 400 paginas por 250 réis!

Os nossos assignantes que tiverem pago a assignatura da «Voz de S. Antonio» correspondente ao anno de 1906, enviando-nos mais 200 réis receberão um exemplar cartonado do Almanach de S. Antonio para 1907.

Temos ainda alguns exemplares do Almanach de S. Antonio para 1906 que vendemos com desconto.

Já está impressa a musica para os versos do Monte de Myrrha. Cada fasciculo 60 réis. Paga adeantada.

REVISTAS

«La Hormiga de Oro». — El número 28 de esta importante Ilustración tirada á varias tintas publica abundante y variado texto ameno y de utilidad y gran número de hermosos grabados tales como la Virgen del Carmen de M. Dominguez existente en la iglesia de San Francisco el Grande de Madrid; un sueño de la madre de san Camilo de Lelis; S. Camilo de Lelis; Monumento á Cánovas, Quevedo, la tradición y Alegoria de A. Querol; ilustraciones de una poesía; los Reyes de Noruega, su coronación en la catedral de Trondhjem; vista exterior de la catedral; varios sobre la visita del Rey del Cambodge á la Exposición colonial de Marsella y otros varios sobre las matanzas de Bielostok, resultando un número sumamente curioso é interesante.

Occidente. — O n.º 991 do *Occidente* é em parte dedicado á commemoração do pintor Vieira Portuense, de que a sociedade de Bellas Artes do Porto fez agora uma exposição das suas obras. Publica este n.º do *Occidente* um retrato de Vieira Portuense, copia de uma gravura da epoca, e reproduz um dos melhores quadros d'este pintor, *Viriato*, existente na galeria Real da Ajuda. Duas interessantes gravuras dos exercicios gymnasticos, provas annuaes das aulas

de educação phisica e da Escola Academica; O monumento dos bravos do Mindello, que está cahindo em ruinas; Inauguração da Camara do Commercio Anglo-Portugueza, o banquete inaugural. Retrato de José Malhôa, pintor portuguez, que está sendo victoriado no Rio de Janeiro, etc.

Artigos de D. João da Camara, Caetano Alberto, Mario Santa Rita, M. de Macedo, Antonio A. O. Machado, etc.

A assignatura do *Occidente* custa apenas 950 réis por trimestre e assigna-se em todo o tempo.

Razon y Fé. — Sumario:

Con motivo del atentado anarquista. Semblanza del M. R. P. Luis Martín (conclusión) *A. Pérez*. La historicidad del Exateuco (conclusión) *J. de Abadal*. El Catecismo único en España *J. M.ª Solá*. Pereda, novelista *J. M. Aicardo*. Españoles sin patria y la cuestión judáica *E. Ugarte de Ercilla*. El desastre de California registrado en el Observatorio de Cartuja (Granada) *M. M.ª S. Navarro* Buletín canónico: S. C. de Obispos y Regulares. Sobre la designación de los confesores ordinarios de las religiosas. — S. C. del C. Estipendios recibidos por privilegio y con la condición de entregarlos á obras pías *J. B. Ferreres*. Examen de libros: Fray Angélico y Benozzo Gozzoli *M. A.* Elementos de astronomía *M. Martínez*. Nueva Biblioteca de Autores Españoles: Sermones de Fr. Alonso de Cabrera *J. M. A.* Noticias bibliográficas (véase la pág. 2ª de la cubierta). Noticias generales: Roma, España, Estranjero *R. M. V.* Variedades: Los Mariavitas. Encyclica de Pio X. El feminismo en aumento *L. Navás*. Un nuevo fabricante de perlas *L. N.* Obras recibidas en la Redacción.

Madrid, Redacción: Isabel la Católica, 12. Administración: San Quintin, 8.

L'Action Franciscaine. — Bulletin Mensuel Organe des Associations Franciscaines. Sommaire:

I. — L'Art Chrétien au xxe siécle, *La Direction*. II. — Le Théâtre Social, *Joseph Delest*. III. — Des 36 millions de Catholiques et de tout ce qui s'ensuit, *Renouveau*. IV. — Organisez, surveillez les élections, *J. Lehr*. V. — Les Tracts de l'Association Franciscaine, *P. Lahyre*. VI. — Chronique politique, *P. de Ferques*. VII. — Chronique de l'Association Franciscaine Marseillaise, *H. de Barenton*. VIII. — Chronique de l'Association Franciscaine, *H. de Barenton*.

L'Association Catholique. — Sommaire:

Madame Henri Lorin, *G. Goyau*. Les retraites ouvrières à la Chambre des députés, *G. de Saint Aubert*. Autour des huit heures, *J. Zamanski*. Les associations professionnelles en Allemagne, *A. Leroux*.

Chronique:

Deux programmes, *J. Zamanski*. La Ligue Sociale d'Acheteurs, *H. B.* Faits sociaux, *L. Crespeaux* Cronique de l'étranger, *G. de Pascal*.

Documents:

Un discours de M. Raoul Jay sur le repos du dimanche. Le projet de loi sur le bien de famille. L'action sociale du clergé.

Chronique bibliographique, *Fidao*.

La Civiltá Cattolica. — Sommario:

Del progresso evolutivo nella Chiesa Cattolica. — I nostri Quattro Vangelii. *Studio apologetico. — 4° Il Vangelo di S. Luca*. — Donna antica e donna nuova. *Scene di domani. — 5 Abbrivo e incaglio. 6. Arringa e intermezzi*. — Gli Uffizi vacabili. *Celebre lite per la soppressione de' Segretari apostolici (1681)*. — Lourdes e Roma. — «L'Opera degli Apostoli» di Mons. Le Camus. — La Democrazia negli ordinamenti politici e sociali. — Bibliografia. Allegra T. 91. — Bassi D. 92. — Bresadola G. 94 — De Gregorio G. 97. — Donnino G. A. 90 — Leveillè H. 95. — Martino dell'Imm. 90. — Maselli A. 95. — Nussi V. 91. — Persoglio L. 91. — Pighi G. B 96 — Puija C. 90. — Sepe A. M. 91. — Soldati F. 97. — Vermeersch A 90

Documenti Pontificii. — Cose romane. — Cose italiane. — Notizie generali di cose straniere. — Francia. *Nostra Corrispondenza* — Stati Uniti. *Nostra Corrispondenza*. — L'Obolo di San Pietro raccolto dalla «Civiltá Cattolica» e consegnato a S. S. Pio x. *Quarta lista*. — Opere pervenute alla Direzione.

Roma, Direzione e Amministrazione. — Via Ripetta 246.

E'tudes Franciscaines. — Sommaire:

Considérations sur l'état présente de l'Église de France, *P. Timothée* — L'œuvre de Thomas de Celano, *P Gratien*. — Bibliothèque d'économie sociale (suite et fin), *P. Venance*. — Bulletin scripturaire, *P. Hugnes*. — Voyage de S. François en Espagne (suite et fin), *P. Ernest-Marie* — La juste répartition des impôts (suite et fin), *P. Gratien* — Bulletin d'histoire franciscaine, *P. Ubald*. — Le cardinal de Richelieu et les capucins à Châlons sur Marne, *P. Ubald*.

Bibliographie: *Augustin Largent:* Les sources de la Piété. — *P. Petro Mocchegiani:* Jurisprudentia ecclesiastica ad usum et commoditatem utriusque cleri. — *P. Ludovic de Besse:* Marie révélée à ses enfants. — *Léon Ollé Laprune:* La raison et le rationalisme. — *Mgr. Chapon:* Mgr. Dupanloup. — *Eug. Griselle:* Bourdaloue. — *P. Marianus Fernandus:* Conspectus omnium missionum Ordinis Fratrum Minorum an. 1904-1905. — *M.me Julie Lavergne:* Les jours de Cristal.

Paris — Administration: Librairie Vve Ch. Poussielgue, 15, rue Cassette, 6.

España y America. — Sumario:

I. — El Absentismo y los Latifundios, *P. Maximiliano Estébanez* II. — Etimología y origen del Castellano (continuación), *Julio Cejador*. III. — Los problemas de la enseñanza, *F. Martínez y García*. IV. — Una mañana de Julio (poesia), *P. J. Delgado*. V. — La primera Pastoral del nuevo Prelado de Madrid-Alcalá, *P. P. M. y Vélez*. VI. — Documentos indispensables para la verdadera historia de Filipinas (continuación), *P. Eduardo Navarro*. VII. — Las Hermanas de Fabiola (novela histórica), (continuación). VIII. — Boletin canónico, *P. P. Rodriguez*. IX. — Bibliografía. X. — Crónica de la quincena, *P. E. N.* XI. — Velada musical.